ANNO VII N. 344
RIO DE JANEIRO, 28 DE SETEMBRO DE 1932
Preço para todo o Brasil 1$500

IRENE DUNNE

CINEARTE

KAY
FRANCIS

FIZEMOS em passado numero referencias ao facto de estarem soffrendo, hoje, mais do que todos, os importadores de Films devido isso a motivos de ordem geral que a todos affectam e ainda aos especiaes, que mais de perto e mais directamente dizem com as suas actividades, oriundos estes ultimos da guerra civil que fechou os mercados de S. Paulo e ainda os dos Estados que da sua linha dependem, quer dizer mais de 60 por cento da região productora do paiz. A desorganisação e insegurança do serviço ferro-viario nos Estados do Centro augmenta ainda os prejuizos que prolongando-se a situação por mais uns dous mezes serão porventura fataes.

Ainda no ultimo numero saudamos com regosijo a volta dos Films allemães ao mercado, promettida e já em começo de execução.

Parece porém, que não sómente a producção européa se alheará do nosso mercado, mas possivelmente a propria producção americana vae começar a soffrer serias restricções.

Seria necessario que o governo lançasse um olhar attento para o caso: o espectaculo Cinematographico é ainda o favorito, o unico que interessa o publico.

A falta de Films vae crear uma situação angustiosa para os proprietarios da linha de locação. Essa falta resulta não tanto do preço do custo, pois que em sua maioria os Films americanos vem para o nosso mercado, cotado *á forfait*, como da falta de cambiaes de que se recente a nossa praça e não permitte a remessa de numerario para o estrangeiro.

Ora, o commercio Cinematographico já representa alguma cousa para o fisco, encarando-se o Film apenas como um artigo commum de importação. Sua utilisação depois de importado, e pagos os direitos aduaneiros e taxas de censura representa ainda grande fonte de lucros para as arrecadações publicas, federal, estadoal e municipal...

Esses lucros são de tal importancia que juntando-se-lhes o dispendio com a manutenção das agencias importadoras pode-se ao fim calcular que apenas uns 15%, calculo favoravel, do producto da exploração Cinematographica se destinará ao productor estrangeiro.

A essa exiguidade no lucro se vem sugeitando o productor norte-americano que ainda aguarda, paciente, por mezes e mezes que alguns dollars lhe cheguem, quando depois de inauditos esforços consegue o importador fazer uma remessa de numerarios.

Os productores europeus já são menos conformados. E é isso o que explica a retirada do exiguo grupo dos importadores de Films de algumas figuras já consagradas no meio e a desapparição de marcas que, bem ou mal, iam fazendo entre nós sua carreira, servindo principalmente para attender ás necessidades dos pequenos exhibidores.

Vê-se bem a que angustiosa situação podem estes ultimos ser, dentro em breve, levados, sem Films, sem programmas e "ipso facto", sem publico, levados consequentemente a ruina, á concordata, á fallencia. Deus sabe, no momento presente quaes os que no Brasil se dedicam ao commercio Cinematographico que possam se declarar satisfeitos, importadores ou exhibidores.

Seria uma calamidade a continuação desse estado de cousas. Se o governo que na medida das possibilidades da praça favorece a esta e aquella classe de importadores, e já tem mostrado como o Cinema não lhe é cousa indifferente, pelo contrario, muito já tendo feito em seu beneficio, em prol do seu desenvolvimento, destinasse uma parte dessas possibilidades de cambiaes ao commercio Cinematographico com os Estados Unidos, attendendo especialmente aos fins a que se destinam os Films, talvez fosse resolvida, em parte pelo menos, essa premente crise que ameaça até a propria existencia das agencias Cinematographicas entre nós. Sómos insuspeitos para alvitrar essas medidas, para solicitar esses favores porque quando outra era a situação sempre fomos os mais encarniçados defensores dos interesses do publico exclusivamente contra os colligados de exhibidores e importadores.

Mas seria falhar ao bom senso e mentir á consciencia não nos collocarmos ao lado destes ultimos no momento mais agudo da crise que já attingiu a todos, a toda classe e póde redundar em uma verdadeira catastrophe que desarticulará por muitos annos as actividades no campo outr'ora tão prospero e risonho da Cinematographia.

Já o dissemos e aqui ainda julgamos opportuno repetir: do perfeito, sincero, leal equilibrio dos interesses entre os que vivem dessas actividades, importadores e exhibidores, sem que uns queiram tudo para si e nada para os outros. As desintelligencias que sempre existiram entre uns e outros devem cessar, deante do perigo commum: unidos, fortalecidos pela união poderão melhor resistir á crise que só dessa maneira poderão vencer, não de outro geito.

DOUGLAS CRUSOL FAIRBANKS
E MARY PICKFORD...

(CINEARTE)

Dentes que enfeitem o riso
com brilhos claros de sol...
Pouco, para isto, é preciso:
a Pasta e o Liquido Odol.
Odol
Odol
KCHOUT.
ODOL

Cinema BRASILEIRO

SABBADO passado toda a cidade madrugou para vêr o "Conde Zeppelin" e no domingo tambem muita gente teve que levantar-se mais cedo do que costume, para ir ao desembarque da delegacão brasileira ás Olympiadas de Los Angeles, que regressava no "Itaquicê"...

Com o regresso dos nossos athletas, tambem voltou o heroe de "Ganga bruta", da Cinédia — Durval Bellini.

Durante a sua ausencia, inumeras foram as cartas que o "Operador" recebeu, com a mesma pergunta: "a viagem de Durval Bellini á Los Angeles, não prejudicará a Filmagem de "Ganga bruta"?...

Certamente que não, respondiamos sempre ao nosso collega de redacção, quando nos pedia resposta áquella pergunta dos leitores. Durante a ausencia de Durval, muitas foram as scenas do Film que se Filmaram, em que só trabalhavam outros artistas do Film.

Agora que Durval Bellini chegou, vão ser atacadas as scenas restantes. Para isso, todas as providencias já foram tomadas e o motor da "Mitchell" está prompto para girar...

No Studio não se faz outra cousa senão tratar de finalisar immediatamente a terceira producção da Cinédia. Estuda-se os letreiros, imagina-se a synchronisação que é originalissima, dá-se os "ultimos retoques" na organisação da distribuição que irá levar o Film atravéz todo o Brasil, sem a demora dos Films anteriores, prepara-se a partida do "unit" para uma locação interessantissima, nos arredores do Rio, etc...

Ao mesmo tempo, o "unit" de "Onde a terra acaba" tem realisado Filmagens diariamente, apressando o termino deste novo Film de Carmen Santos, para ser apresentado conjunctamente com "Ganga bruta." E varias tem sido as Filmagens feitas com "sets" fechados, longe dos olhares indiscrectos dos proprios habitantes da cidade Cinédia, usando methodos de Hollywood, para scenas que estão sendo anciosamente esperadas na téla, pelo proprio pessoal do Studio...

Por outro lado, o tempo é dividido nos estudos relativos ás transformações porque irá passar o Studio, para a adaptação do apparelhamento sonóro, que chegará breve... Assim, os dias tem corrido no Studio, numa azafama inédita!

Logo que o "Itaquicê" atracou ao cáes, fomos dos primeiros a chegar a bordo e falar com Durval Bellini. Veiu mais magro o heroe de "Ganga bruta", mas o mesmo Durval Bellini de sempre, alegre, enthusiasta do nosso Cinema e com o seu repertorio de piadas augmentado... O insuccesso dos nossos no certame de Los Angeles, não o preoccupava e sim o regresso ao Brasil!

Lembrando-nos de que o nosso insuccesso nautico havia sido causado, principalmente pelos remos dos nossos barcos, pilheriamos com Durval, dizendo-lhe que o Brasil precisa de remos...

— O melhor remo para levar-nos á victoria, vae ser o Cinema Brasileiro... Elle é pequeno... os remos pequenos foram os melhores... — respondeu elle.

E assim os "fans", agora descancem: "Ganga bruta" já está sendo terminada! Filma-se até a noite!

—:—

Vocês sabem que Francis Ford, em Hollywood, já falou uma vez na Cinédia. Mas sabiam que Lilian Bond é "fan" do Paulo Morano, de "Labios sem beijos"...?

—:—

A Gaúcha-Film, de Porto Alegre, continúa Filmando "Peccado da vaidade", que deverá estar prompto no proximo mez de Outubro para exhibição immediata naquella capital. Eduardo Abelim além de productor e director é tambem o principal interprete.

—:—

Paulo Marra que alguns chamam erradamente de "Stan Laurel" brasileiro porque elle é Paulo Marra mesmo, tambem foi incluido no elenco de "Onde a terra acaba."

—:—

E' tal a actividade para finalizar "Ganga bruta" que Armando Barreto, chefe electricista do studio da Cinédia, tambem acabou entrando em scena...

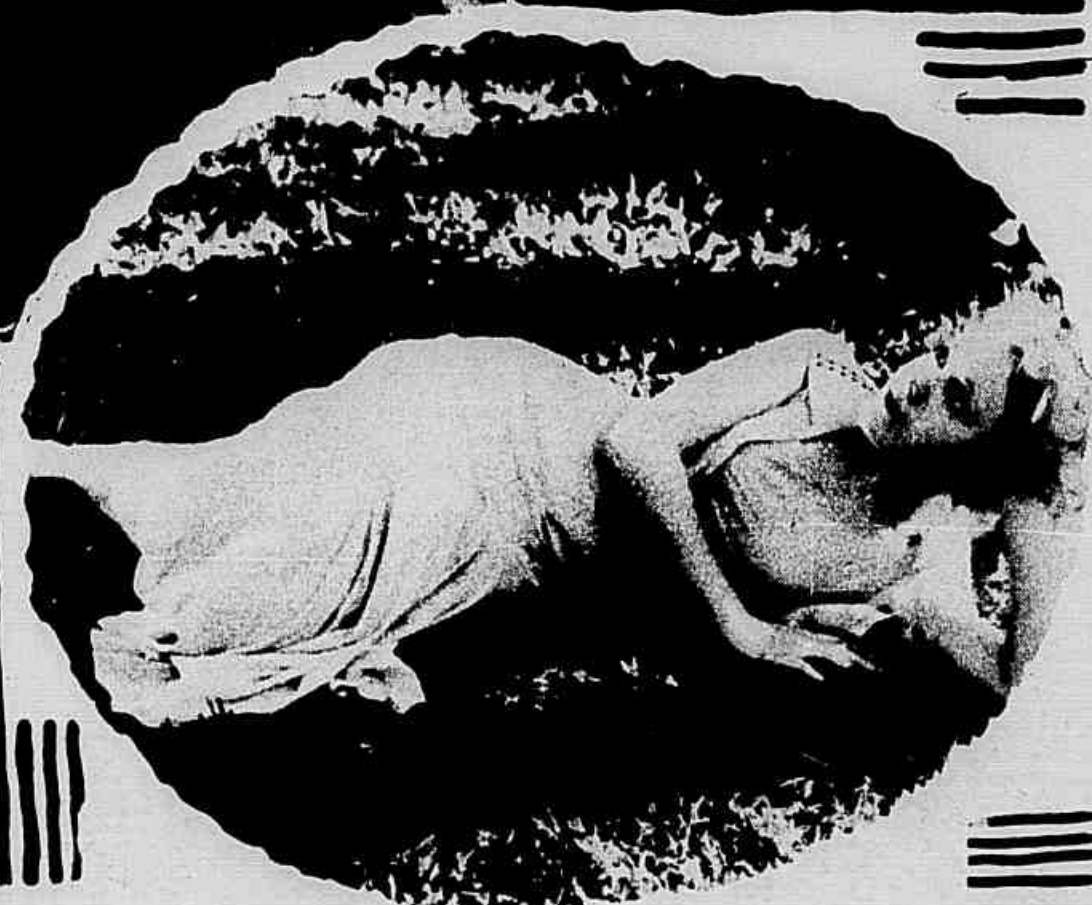
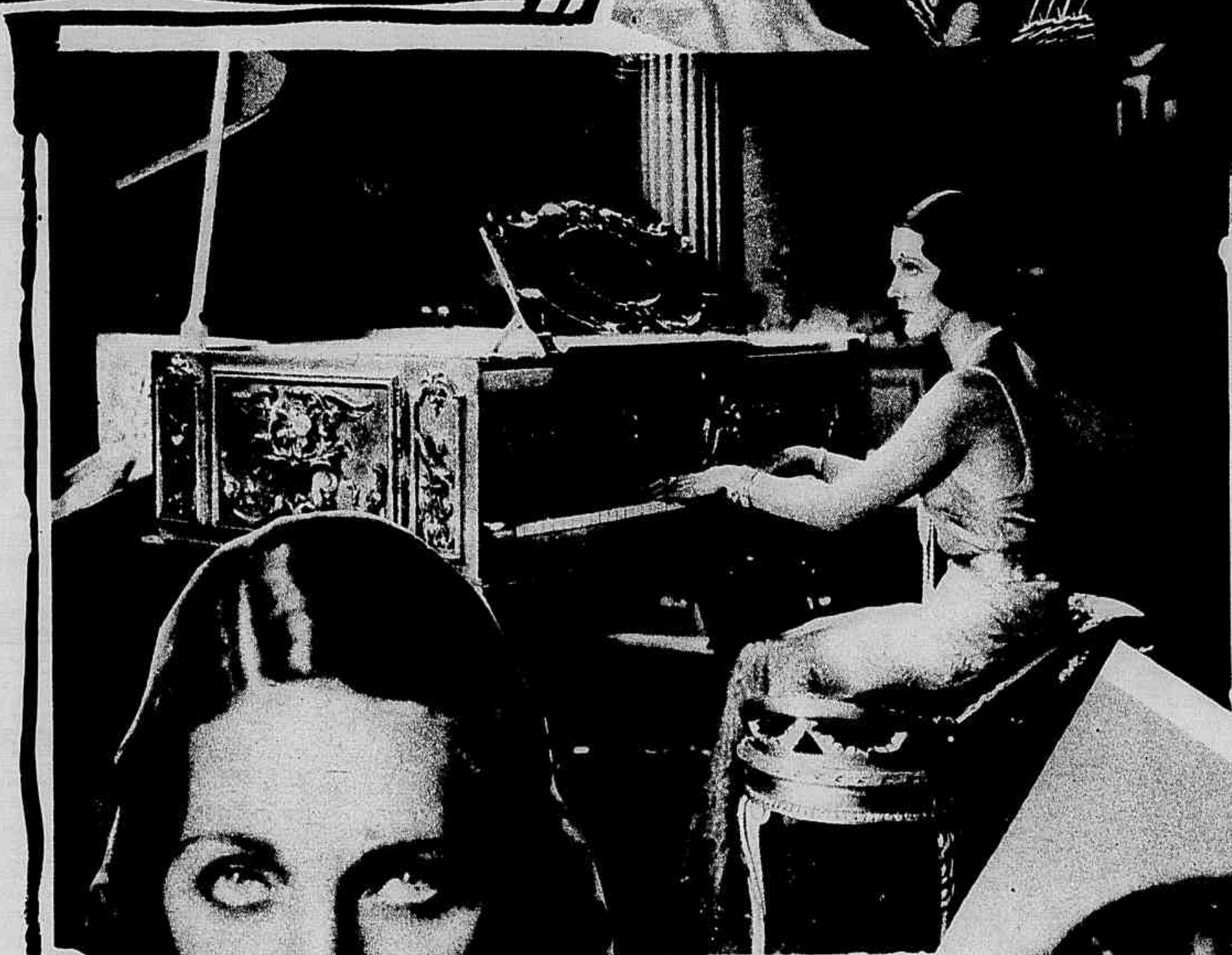
Jean Bernard-Derosne que foi durante quatro annos jornalista, vae fazer a sua extréa como director de Films. Acaba de ser contractado por Delac & Vandal, para cuja firma já dirigiu a comedia de curta metragem "Hortense a dit j'm'en fous!"

"La sérenade Passionnée", o Film no qual toma parte o celebre cantor Lucien Muratore, foi dirigido por J. Casembroot, sob um "scenario" de Patorni. A musica de Silviano.

—:—

Mais uma vez, para que os leitores não se esqueçam, damos a distribuição dos principaes personagens de "Les trois mousquetaires" que Henri Diamant-Berger está dirigindo: d'Artagnan — Aimé Simon-Girard; Portos — Thomy Bourdelle; Athos — Henri Rollan, Planchet — Paul Colline; Tréville — Henry Baur; Richelieu — Samson Fainsilber; Milady — Edith Méra; Bonacieux — Blanche Montel.

Carmen!

Déa!

Adrienne Ames

SEU DOCE LAR E O SEU SORRISO AMARGO.

MARLENE E AS SUAS PLUMAS EM "VENUS LOIRA".

As brigas de

POUCOS foram, em Hollywood, os Films impellidos á producção por um tal estado de interesse em torno de si, como VENUS LOIRA.

GRAND HOTEL, a experiencia dos Studios em torno de um Film reunindo "estrellas" de grande renome em quantidade, trouxe o publico esperando por cousas sensacionaes, formidaveis, ultra-differentes, principalmente no seu lado interno, aquelle lado do qual o publico nada sabe e que vive em brigas, discussões e picuinhas...

A cousa, nesse elenco enorme, no emtanto, terminou mais calma e socegada do que em VENUS LOIRA, que a Paramount produziu quasi que sem querer, ou antes, sem querer de accordo com o que quizeram Sternberg e Marlene... E' possivel que ao mundo não tenha chegado nem a metade do que foi esse caso em pitoresco.

O facto é, no emtanto, que Hollywood sabe perfeitamente tudo a respeito delle e ainda disso não se esqueceu...

Os detalhes da revolta de Von Sternberg - Marlene Dietrich contra a Paramount, por causa das alterações que esta fez, porque resolveu fazer, no scenario original de VENUS LOIRA, são muito conhecidos para serem inteiramente aqui revividos, sendo sufficientes pequeninos detalhes, apenas. Von Sternberg e Marlene, devem se lembrar os leitores, de accordo com o que os jornaes annunciaram, eram dados, juntos, como co-autores da historia VENUS LOIRA, a vida agitada de uma artista de "cabaret".

Essa pequena tem um filho de um homem do qual ella é mais tarde separada.

Ella é forçada, para sustentar seu filho, a fazer quasi que uma carreira de rua. Seu marido afastado ha tanto tempo della, ouve tudo a respeito de sua vida e do modo pelo qual ella sustentava o garoto e quer tiral-o de sua companhia, allegando fundamentos moraes. Para obter dinheiro para o garoto, no emtanto, a creatura continúa com a sua "carreira".

Disseram que havia uma scena, no Film, em que a mulher convidava um homem para seu quarto e, emquanto elle entrava, o garoto brincava, no mesmo recinto, com alguns brinquedos em pleno chão. A "camara" devia concentrar-se no garoto, emquanto o dialogo forte, entre o homem e a mulher, a respeito do dinheiro, teria lugar em plano inferior. Esta scena, em particular, é que, parece, poz a companhia productora de figados azedos.

Sem duvida podiam mostrar creaturas assim em Cinema. Mas uma creança presente a um encontro semelhante?... Nunca! O Studio argumentava que o Studio e a censura não permittiriam que isso fosse dessa maneira levado a cabo. E' logico que tambem houve o falatorio mais ironico, pelo qual a Paramount pretendia, com esse pretexto de historia, romper a combinação Von Sternberg-Marlene. Isso não pode ser levado muito a sério, porque o chefe geral da Producção Paramount, naquelle tempo ainda B. P. Schulberg, declarou, a respeito, o seguinte:

— Por que cargas d'agua, afinal, queria a Paramount romper a combinação Josef Von Sternberg-Marlene Dietrich? Os Films que elles têm feito, são, no mundo todo, successos esplendidos.

O EXPRESSO DE SHANGHAI, foi um dos Films que maiores lucros têm dado este anno. Elles, juntos, trabalham em perfeitissima harmonia. Seria vantagem nossa separal-os?

O argumento do Studio, pela bocca do seu então productor chefe, sem duvida que é forte e logico.

O osso da discordia, portanto, visivelmente foi o negocio das situações extremamente fortes do scenario. Eis porque o director partiu sem mais aquella para um descanso em New York, a "estrella" retirou-se para a companhia de seu marido e sua filhinha para a casa que têm na praia e a Paramount ameaçou-os com uma multa de 100.000 dollars contra qualquer cousa que visivelmente tomava o aspecto de insubordinação. Quando Von Sternberg soube que a Paramount queria accional-o por 100.000, riu-se e produziu aquella phrase de extrema ironia e que hoje toda Hollywood bem conhece: "Pretexto puro para humilhar-me! Será possivel que uma acção contra mim monte apenas em 100.000 dollars?... Eu não valerei nem um pouco mais?..."

Tão depressa formaram-se agrupamentos negros de nuvens, nos horizontes, tão depressa dissolveram-se as mesmas. Do dia para a noite Von Sternberg voltou de New York, o processo "humilhante" foi afastado, immediatamente, desistindo delle a Paramount e, dias depois, eram sorridentes Von Sternberg e Marlene que entravam pelo Studio a dentro, para serem recebidos por ainda mais sorridentes productores... O Film, afinal de contas, entrava mesmo em producção.

E quem é o vencedor dessa batalha, afinal de contas?

Herbert Marshall, galã de Marlene em VENUS LOIRA, resume o caso todo nesta phrase que elle proprio nos disse, sorrindo ainda: — "Jamais vi uma contenda terminar com tantos sorrisos e com tanta gabolice de victorias, de lado a lado...

Pelo lado do Studio, note-se que a historia HOJE Filmada, é delles, como elles quizeram. Fizeram-se modificações no scenario de Von Sternberg. Apagou-se, assim, a questão da guerra inicial... Para Marlene, no emtanto, devem ir as honras da victoria moral da questão, porque foi ella, indiscutivelmente, que arranjou as cousas e accomodou as partes em questão.

Marlene e Von Sternberg foram recebidos de volta com braços tão abertos, que o "reino livre" que elles exerciam, antes, dentro do Studio, hoje, pode ser tido como prisão perpetua, tão enorme é a liberdade que hoje elles têm... Sem duvida a Paramount almejava de volta a Marlene e seu excentrico descobridor e genial director. A producção de VENUS LOIRA precisava ser uma producção feliz mais feliz ainda do que todas as outras.

Raminho de oliveira, na questão, foi a assignatura do contracto de Herbert Marshall para ser o principal elemento masculino do elenco. O nome de Herbert Marshall, sem duvida, deve ser um pouco extranho ao publico de Cinema, principalmente o publico que não guarda muito bem a não ser nomes já muito populares e, isso, porque, elle tem apparecido pouco em Films.

A prova de que elle, para galã do Film, é uma acquisição victoriosa de Von Sternberg, jaz no facto seguinte: — o artista inglez estava percebendo um optimo salario e fazendo uma carreira triumphal na Broadway, num dos melhores dos seus theatros, numa peça intitulada THERE'S ALWAYS JULIET. E' verdade, diga-se, que elle é exactamente o "typo" para o papel que tem no Film. Se não fosse o visivel desejo da Paramount de servir plenamente ao mais simples capricho de Sternberg e Marlene para a confecção, escolha de elenco, etc., de VENUS LOIRA, positivamente não cremos que elle tivesse tido a *chance* de fazer o papel, pois eram demasiadas as difficuldades do caminho. O Studio foi muito generoso neste gesto. Trazer um galã de theatro, contractado, para um Studio onde existem dezenas de outros galãs já contractados e ás ordens, é, sem duvida, boa vontade demais...

A' Paramount, 35.000 dollars foi quanto custou fechar a temporada de THERE'S ALWAYS JULIET para que Marshall pudesse immediatamente seguir para Hollywood. Ha annos, um gesto desses, méramente para satisfazer um director e uma "estrella" seria tomado como "mais uma loucura da mina de ouro de Hollywood"... Hoje, no emtanto, com a presente crise que não é positivamente "boato" e que existe em todo mundo e para tudo e todas as cousas, um gesto desses é quasi heroico, pode-se affirmar...

O caso é, no emtanto, que porque Von Sternberg e Marlene quizeram Herbert Marshall e ninguem a não ser elle, para galã do Film, o elenco de THERE'S ALWAY JULET foi pago pontualmente, todas as semanas, durante toda a duração de Filmagem de VENUS LOIRA e emquanto Marshall foi considerado necessario. O emprezario, o autor da peça, etc., foram todos devidamente reembolsados, tambem. E Marshall, ganhando um soberbo ordenado, além de tudo, foi enviado a Hollywood para satisfazer áquella serie de caprichos... para bem de VENUS LOIRA...

Agora que Marshall acha-se em Hollywood e termina o Film, admira-se Hollywood de já não o ter ao lado, para sempre, ha muito tempo e dá razão, de sobra, a Sternberg e Marlene. Poucas vezes tem Hollywood visto um artista assim distincto, polido, verdadeiramente cavalheiro.

O inglez do elenco de VENUS LOIRA é a actual "coqueluche" dos falatorios de Hollywood. Ha tempos, o nome de Marshall estava realmente em evidencia. Mas foi naquelle risivel caso de sua esposa, Edna Best, que fugiu de Hollywood para New York, porque não se podia furtar á saudade immensa do marido, deixando o Film d

"VENUS Loura"...

John Gilbert repentinamente sem heroina... Um marido assim fascinante, assim "saudoso", sem duvida devia illuminar logo as attenções de Hollywood para si e foi realmente o que succedeu... Hoje, vendo-o em carne e osso, o pessoal comprehende bem melhor porque é que Edna Best não se conteve nas suas saudades immensas... Marshall figurou como galã de Jeanne Eagels em A CARTA e de Claudette Colbert em SEGREDOS DE UMA SECRETARIA. Mas nenhum delles ainda despertára o interesse real que Marshall merece e agora está tendo, plenamente.

Marshall tem um defeito que a guerra lhe deixou em uma das pernas, pelo qual elle manca um pouco. Ninguem pensou, assim, que lhe fosse possivel ser "astro"... mancando! Mas o seu defeito, neste Film, tornou-se interessante, intrigante, exquisito e até photogenico... Eis o que tornará, possivelmente, Marshall num dos mais admirados e queridos galãs de Hollwood, muito breve.

Marshal, para Marlene e Von Sternberg, foi mais do que um symbolo de victoria, para todo mundo observador. Além disso, no emtanto, outros factores surgiram. Um silencio de cathedral envolveu os "sets" de VENUS LOIRA. Trabalhava-se nelle, além disso, da hora aristocratica de 10 da manhã, ás 17 da tarde, apenas... Joe Sternberg, antes, sempre preferia trabalhar pela noite afóra ou pela manhã bem cedo e bem por isso ganhára, no Studio, o appellido de "Joe meia-noite"... Com poucas excepções, no emtanto, o elenco e o pessoal technico de VENUS LOIRA nunca passou da hora do chá... Affirma-se que isso se prende principalmente a Maria, a filhinha de Marlene, pela qual tanto ella, a mãezinha assustada, quanto elle, o amigo incondicional da familia, muito se preoccupam, porque os bandidos já a têm ameaçado raptar mais de uma vez. E dizem que o horario foi por causa disso. Apesar disso, Marlene contractou os mais brutaes e violentos capangas para zelarem por ella e Maria. Ha dias, por exemplo, os capangas accompanharam Maria até ao "set" de VENUS LOIRA. Ficaram, no emtanto, mais caladinhos do que creancinhas timidas porque sabem a furia que é Von Sternberg quando alguem quebra o silencio religioso com o qual costuma trabalhar.

O caso do horario, no emtanto, tanto se póde prender á historia do rapto de Maria, como, tambem, a um gesto de positiva fidalguia de Von Sternberg comsigo mesmo, só trabalhando em horas aristocraticas, para não forçar o cerebro... O caso é que elle é tão cheio de luxos, nos detalhes, que nada é difficil imaginar quando se trata desse homemzinho cheio de genio e "genio", e que Hollywood inteira respeita.

Von Sternberg chega invariavelmente ao Studio ás 10 e ¼. Marlene quinze ou vinte minutos depois. A's duas a companhia faz um pequeno "stop" para o "lunch". Os ensaios são absolutamente privados e nunca perturbados por qualquer som ou voz. Ninguem é permittido no "set", muito menos gente de jornaes ou revistas, com machinas photographicas e cousas para tomar notas e apontamentos sobre Marlene e Sternberg e o Film em geral. O departamento de publicidade do Studio, mesmo, não tem entrada no "set" do Film. Edna Best, a apaixonada e devotada esposa de Herbert Marshall, o galã, foi duas vezes ao Studio emquanto o marido trabalhava e elle a recebeu... no camarim. Mesmo os elementos technicos ficaram prohibidos de assistirem aos ensaios de VENUS LOIRA. Isso é positivamente novo, na rotina do Studio. Marlene, Marshall e Dickie Moore, o garotinho que faz o filho della, no Film, ensaiaram na mais absoluta paz e no mais completo socego foram surprehendentes para o Film em geral. O Studio silencioso de Greta Garbo, ou antes, os "sets" onde ella trabalha, comparam-se, diante disto, á uma estação de estrada de ferro, ao lado de Marlene...

Marlene, em varias scenas do Film, apparece em poucos trajes de bailarina. Para que a allemã esplendida não tivesse o trabalho de pôr sobre si mesma um kimono, para atravessar pelos corredores nos intervallos, para ir ao camarim, montou-se um camarim portatil para ella, ali mesmo junto ao seu palco de Filmagem. Parece que ninguem mais póde siquer espiar Marlene em trajes poucos vestidos...

Ha, ainda a ultima piada sobre o primeiro dia de Filmagem. Consta que Maria foi visitar o "set", logo nos primeiros dias, porque Marlene sempre quer que ella assista á sua primeira scena. Chegando lá, era justamente o momento em que ella e Marshall davam banho em Dickie, completamente núzinho.

ESTA TAMBEM E' UMA "POSE" DO MESMO FILM...

Von Sternberg, para que Maria não fosse assustada com a contemplação daquelle espectaculo, pediu a Marshall que segurasse a toalha entre Dickie e Maria, de modo que esta nada ficava vendo. Marshall preoccupou-se tanto com aquillo, que ficou nervoso e chegou a ter a certeza de que iria derrubar a toalha. Quando elle via que já não aguentava mais, suando já, pediu a Sternberg que por favor afastasse Maria dali, porque, caso contrario, elle não mais se responsabilisaria pela toalha... E Maria sahiu do "set" acompanhada pelo seu vasto sequito de capangas...

Eis "alguma cousa" sobre a Filmagem de VENUS LOIRA, que está concluido e foi estreado a pouco com enorme exito em New York.

Filma-se actualmente nos Studios Tobis, um registro sobre Film, destinado ao Obsertorio de Paris.

Este Film tomará logar numa machina construida segundo os planos doce-lebre inventor Edouard Belin. Esta machina, graças a um processo de reproducção especial, será susceptivel a dar a hora exacta por telephone.

+ + +

Em "Antoinette", a comedia musical que Selpin está Filmando, Armand Bernard faz ouvir uma canção escripta especialmente por elle, por René Pujol, o qual é tambem o autor da partitura musical do Film. "Antoinette" foi extrahida duma peça escripta por Suzanne Desty e Jean de Letraz, que, sob o titulo "Le chauffeur de Antoinette", foi representada muitas vezes na França e no estrangeiro.

+ + +

Nicolek e Carlus estão dirigindo para a Soc. des Films Kaminsky, "Plein la vue". Interpretação de: Dandy, Fréderique, Ted Parent, Rognoni, Germaine Beuvers, Christiane Delval, Velsa e Azaís. Scenario de Georges Dollet; musica de Lionel Cazaux e couplets de Roger Féral e Jacques Monteaux.

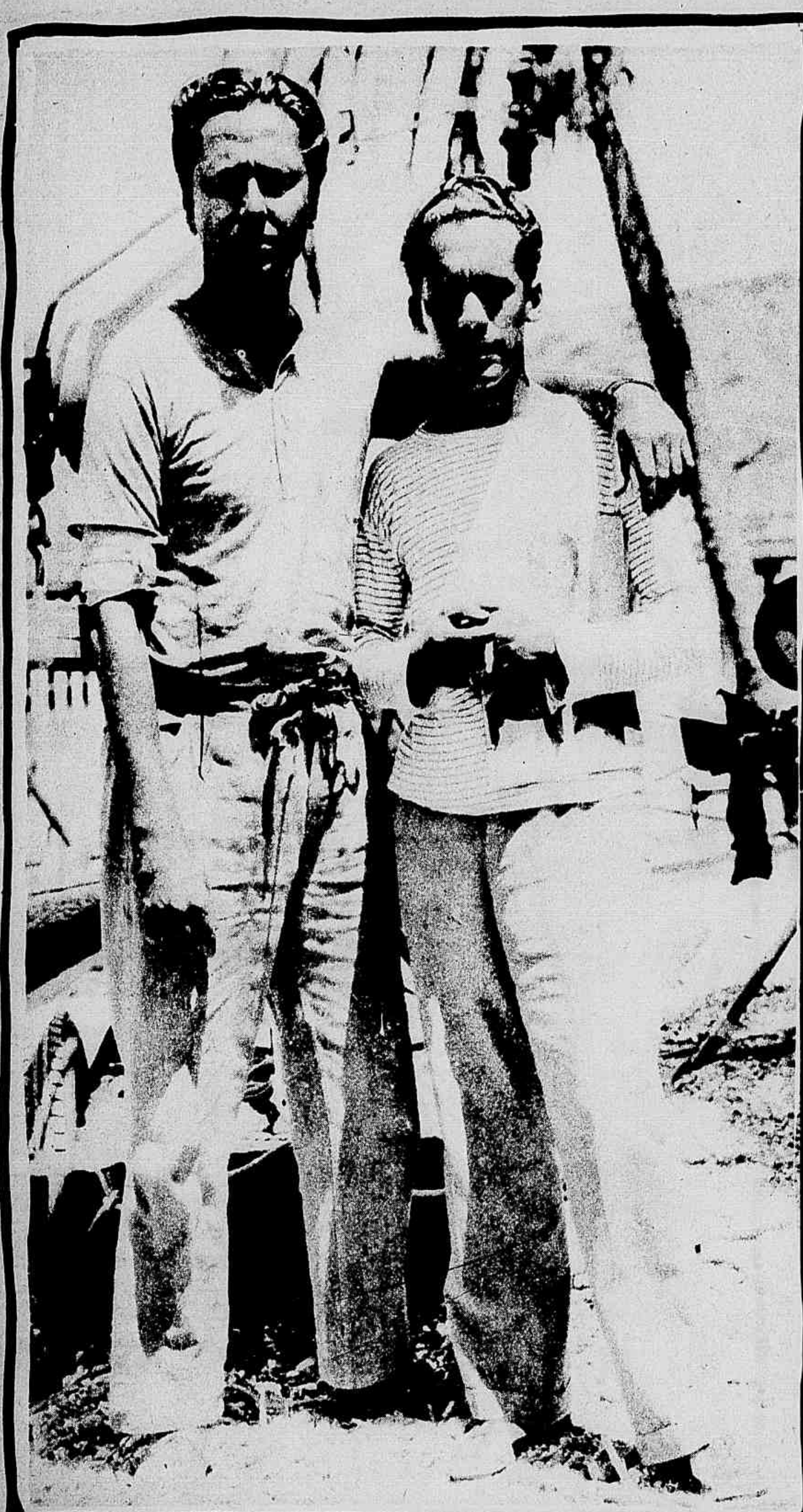
+ + +

"La folle Nuit", a comedia deliciosamente maliciosa, de Léon Poirier, já posta em exhibição. Neste Film estréa no Cinema a artista Marguerite Deval. Max Georges-Lafon, Colette Broído, Guy Farzy e Suzanne Bianchetti, coadjuvam-na.

+ + +

Dizem que o papel de Blance Montel em "Clair de Lune" é notavel. O director Henri Diamant Berger foi severo e exigente demais para com a futura grande estrella do Cinema francez.

ROULIEN

*Gilberto Souto, representante de CINEARTE em Hollywood passou alguns dias na ilha de **Catalina** para assistir a Filmagem de "The Painted Woman", da Fox, em que Roulien tem um papel de **destaque.***

Roulien e Gilberto Souto, representante de "Cinearte" em Hollywood.

EM São Pedro, no cáes, antes do navio largar para Catalina Island, uma ilha de verdura perdida no meio do Pacifico, a banda tocava a "Penthouse Serenade", o jazz que fala da fantasia do millionario caprichoso, edificando um ninho de amor no tôpo de um arranha-céo, bem perto das estrellas... Era a musica da civilização refinada — uma "penthouse", moderna, elegante, riquissima, edificada no alto de um gigante de cimento armado. Salões em linhas futuristas, em "black and silver"... Moveis de metal, almofadões, tapetes macios para abafar os passos das duas creaturas que ali viviam um sonho de amor, modelo Seculo XX... E eu recordava os versos:

"But my aspirations,
I must admit,
Are those of a millionaire
I can see but one place that you could fit..."

E mais tarde, o "refrain", lindo, suave, amoroso como um trecho da musica tambem moderna de Gerswin:

"Just picture a penthouse way up in the sky
With hinges on chimneys for stars to go by..."

Era a letra que dizia das aspirações do millionario ardente de amor, edificando a sua "penthouse", lá bem perto do céo, olhando as estrellas...

E as ultimas notas se perderam, levadas pela brisa que soprava com brandura, como que fazendo o sussurro macio das palavras do apaixonado caprichoso.

Agora, o barco chega á ilha. Catalina Island, um rincão selvagem, desde os tempos que os conquistadores hespanhóes andaram em proezas audaciosas e feitos heroicos pelas terras do Novo Mundo.

Santa Catalina Island, toda ella propriedade de uma familia de ricaços americanos. Wrigley, o rei da gomma de mascar! E' dono de tudo aquillo. Comprou-a, ha annos. Conservou a forma selvagem da ilha cheia recantos feitos para sonhar e amar!

Mas, deu-lhe palacios, casinos, o seu genio inventivo creou mil divertimentos, barcos que poem a nú os segredos das areias do fundo do mar... lanchas velozes, que cortam as aguas a muitas milhas por hora e proporcionam mil sensações... dansas, festas, alegria e bosques, floridos, sombrios, calmos e serenos para os casaes que procuram a solidão, onde sómente o éco lhes possa responder ás palavras cheias de calor...

Mas, um unico logar ficou tal qual os dias primitivos. Uma hora de caminho, afastado do cáes da ilha. Lá para um recorte de terra, onde o mar avança, numa enseada maravilhosa.

Aguas serenas, verdes como as que beijam as areias do Ceará ou se espreguiçam pelas praias das costas da Bahia... Um céo de um azul lavado, onde, á noite, milhões de estrellas ficam a olhar a belleza da terra — immensa, grandiosa, cheia de amor pelos seus filhos.

Palmeiras que ondulam suas altas ramas, copadas, fazendo côro ao trabalho compassado das aguas de encontro as pedrinhas das praias... arvores immensas, eternamente verdes, acalentadas pela briza que nunca deixa de soprar e sente prazer em as acariciar a todo o momento... Uma doçura de claustro, um socego feliz e bom...

Chegava eu ao Isthmus — o logar predilecto das companhias Cinematographicas, em busca de "locations" Ali, já ha muitos dias, a Fox reunira suas forças — artistas, directores, cameram-men, assistentes, electricistas, autores, emfim uma pleiade de elementos necessarios á confecção de scenas exteriores para o Film — "The Painted Woman".

Os sons chegaram até a mim como um grito primitivo, parecia que a propria ilha falava e cantava as alegrias da liberdade que offerecia aos que ali aportavam.

Eram as guitarras dos nativos de Hawaii, contractados para ambiente e atmosphera do Film, que deixavam fugir pelo ar aquelles acordes suaves, ternos, tecidos com as noites mais amorosas, com a cadencia das forças primitivas...

E aquella outra serenata, que reunia o sussurro do mar, a ondulação das palmeiras, o canto das aves selvagens, o grito de guerra do chefe supremo, as phrases ingenuas dos namorados sinceros, as figuras singelas da fantasia do nativo — era o contraste severo, forte, brutal áquella outra que nos dissera adeus, ao deixarmos o caes em São Pedro.

Uma falava de arranha-céos e super-cultura do homem. A outra dizia da belleza da vida primitiva, sincera, simples... mas ambas com o mesmo thema — o amor, força invencivel. A propria VIDA...

E aquella alegria dos nativos, o gemido triste e amoroso das suas guitarras enchiam o coração dos que ali chegavam, transportando-os a um verdadeiro paraiso de felicidade, longe da civilisação e em contacto com a terra, carinhosa, chela de mysterios e segredos.

A mim me parecia estar, realmente, numa dessas ilhas dos Mares do Sul, onde em cada detalhe ha um mundo de belleza escondido. Os barquinhos, simples canôas, feitas de um só tronco de arvore, dormiam pela praia, acalentadas pelo vae e vem eterno das aguas, roçando pelas pedrinhas miudas... As palmeiras acenavam-nos as boas vindas, com suas copas verdes e reluzentes aos ultimos raios daquella tarde dourada... As redes pareciam estar em sesta, depois de um dia de trabalho... e pelas cabanas de palha, onde os cipós se trançavam, os corpos bronzeados dos nativos pareciam figuras talhadas por artistas de genio...

Collares de rosas e flores sylvestres. Corôas de pequeninas boninas enfeitando os cabellos negros e brilhantes das nativas de andar onduloso e cheio de cadencia... E as vozes fortes dos machos valentes subiam pelos ares, entoando o canto da tarde que morre...

Foi assim que a ilha, — um verdadeiro paraiso, me recebeu, dando as mãos á belleza magnifica daquelle pôr de sol, em pleno Pacifico!

\+ + +

Seis e meia da manhã, a companhia toda estava de pé. Primeiro os encarregados de preparar os *sets*, os electricistas que obedeciam ás ordens severas e energicas de John Blystone, o director de "Painted Woman", (antes, "After the Rain"). Tambem me levantei cedo e vi o sol bocejar por entre o nevoeiro da manhã, e estender seus braços fatigados pelo somno prolongado da noite... Os primeiros raios chegavam assim até ás copas das palmeiras e beijavam as ondas verdes e espumantes do mar, cá em baixo.

Roulien deixa a sua cabana. Traja a roupa do creado fiel de Spencer Tracy. Uma calça branca,

Filmagem...

amarrada á cintura por uma corda grosseira. Uma camiseta de malha, e a faça, balançando-se na sua capa de couro. A sua côr é de um bronze carregado. Elle é um nativo daquella ilha, tal qual o seu papel o requer. Chega-se e trata de saber a que horas principia a trabalhar... Depois, chegam outros. Spencer Tracy, sempre gingando o corpo, com seu andar de malandro civilizado. Depois, vem Peggy Shannon, a heroina do Film, na sua toilette exaggerada. Ella é a mulher de passado escuro que procura naquella ilha, perdida entre as aguas do Pacifico, um alibi para conquistar, novamente, a felicidade.

Spencer a ama com loucura, mas a tragedia ronda os seus passos, corporificada na pessoa de William Body, sujeito mau, perverso e cubiçoso daquella mulher que, para elle, continuava a ser a mulher com um passado escuro... E os outros typos do Film se movimentam por entre as cabanas dos nativos e procuram o bar e emporio da ilha. Irving Pichel... o advogado cheio de labia, Crispim, o encarregado do bar, balofo na sua gordura, Laska Winter, no seu vestido berrante de côres vivas, uma linda mestiça... E chegam-se soldados da ilha; chinezes mercadores, nativos que pescam perolas!

As lindas filhas da ilha — que tem no andar as nuances daquella musica primitiva e sensual. Os corpos côr de bronze dos nativos reluzem á caricia dos raios do sol... Parecem gigantes de força — deuses dourados de um paraiso selvagem... Typos masculos, que a arte e o genio de Murnau golrificaram no poema dos mares do sul — Tabú...

E a ilha começa a sua vida, natural, perfeita, simples de todos os dias... Parece que uma varinha milagrosa tocou aquelle recanto de Catalina Island — dentro de um determinado campo de acção é uma verdadeira ilha primitiva que se movimenta orientada pela direcção, segura, attenciosa, cheia de cuidados de Blystone.

Elle dirige e compõe os quadros. Aqui, em primeiro plano, as redes — o symbolo da vida e da conquista pelo pão de cada dia... depois os barcos, leves — cascas de nozes, que avançam contra o fragor das ondas, destemidos e animados pela coragem daquelles bravos nativos... pela praia as mulheres que acenam para os seus homens que partem para a pesca... e os cantos nativos sobem, novamente, pelos ares, dando côr, sentimento, poesia e romance áquelle trecho de praia.

No cáes de madeira tosco, amarrado — o barco veleiro. Pertence tambem á Fox, um barco capaz de fazer grandes travessias e usado, centenas de vezes, em Films da companhia. O seu capitão, velho lobo do mar, já cortou os quatro mares e, hoje, póde narrar tambem aventuras e amores em cada porto por onde passou... O cozinheiro de bordo, num detalhe, é portuguez, filho dos Açores. — Já alguem disse: "no mais longe rincão da terra, encontra-se um portuguez, que continua a lenda secular de que os lusos são conquistadores e marinheiros..."

Eu fico a olhar aquelle quadro que mais se me afigura producto de artes magicas. Como póde um homem transformar um trecho de ilha, num verdadeiro ambiente primitivo, uma replica de qualquer ilhota dos mares do sul — esses paraisos isolados, onde se canta o amor e liberdade de viver?

Deus Branco... Tabú... Aloha... Rosa Branca... velhos Films que souberam cantar a belleza das coisas imutaveis. As lutas do homem contra a terra, as batalhas contra o mar bravio, as guerras contra os elementos... e — num oasis de calma e felicidade, sempre, sempre o amor, como recompensa e benção ás fatigas e as lagrimas choradas!

Blystone pára de dirigir. E' um entreacto á sua extraordinaria tenacidade e amor ao trabalho. Roulien m'o apresenta e nos falamos de Films, de artistas e dos velhos tempos. Lembrava-me bem quando elle principiava a sua carreira no Cinema, dirigindo velhissimas e quasi esquecidas comedias para a L. K. O., já vão mais de quinze annos...

"Como se lembra de tudo isso? — "diz-me elle" — Comedias que já estão olvidadas por todos...

" Não, por mim, nem pelos verdadeiros "fans"... Quem poderia esquecer o Billy Ritchic!

"Que esplendido comediante. Coitado! Era muito doente, nos ultimos annos. Morreu... E muitos não lhe deram o credito que merecia. Foi elle quem creou o caracter que Carlito, hoje, tornou immortal. Elle foi, realmente, o autor daquelle typo ridiculo, comico. Não resta duvida que Carlito aprimorou esse caracter, Billy era mais comico, mais bufão... Mas, elle foi o creador do typo do vagabundo miseravel e pathetico..." (*Cinearte* já tem falado disso) Para um director tão atarefado, estas palavras já eram muito para a entrevista curta e rapida que fiz com elle, mais bastante interessante para illustrar esta chronica de "location".

DANDO OS ULTIMOS RETOQUES NA PINTURA DE ROULIEN.

LASKA WINTER E GILBERTO SOUTO.

Depois, olhando Roulien que falava com Spencer Tracy, diz-me ainda Blystone: "Bom artista, elle vae longe. "Nice boy..." Tenho prazer em o ter no meu Film".

E Roulien, logo em seguida, entra em scena. Arma-se o ambiente. Peggy Shannon fica postada á escada de madeira do bar. Irving Pichel a olha, com olhares cubiçosos... E Roulien, no seu papel, de Jim, o servo de Spencer Tracy, nada mais faz do que a seguir com os olhos, velando pela mulher que o seu amo adora e quer immenso.

A tarde morre de novo. A noite vem descendo e já no seu manto negro, principiam a scintillar as primeiras estrellas. E' o descanço geral para os artistas e "extras", auxiliares e ajudantes. Os nativos é que ficam mais alegres. Vão buscar suas guitarras e principiam a tocar pela noite a dentro. Ha uma serenidade em todas as coisas. Sómente a musica triste e nostalgica dos nativos e o barulho do mar, batendo de encontro a praia. A melodia é tão simples como aquelles filhos das ilhas... phrases ternas e figuras singelas.

GILBERTO SOUTO E LEON GORDON.

(*Continúa no proximo numero*)

JACK BLYSTONE.

Impre-vis-tando Cupido...

PORTA fechada. Um dia elle veiu, bateu e perguntou:

— Ha aqui alguem apaixonado?...

Reconheci. Não podia ser outro. E' verdade que estava mudado, mais crescidinho, talvez, mas era sempre Cupido. Flexas, arco... Sim, positivamente era elle mesmo. Interpellei-o.

— Desculpe-me, mas você não é Cupido?...

Elle encabulou, visivelmente. Respondeu de hombros que sim e, passados mais alguns instantes, respondeu, desanimado:

— Preferia, sinceramente, que ninguem me reconhecesse.

E começou a chorar. Seu rostinho delicado contrahiu-se todo e as lagrimas começaram a rolar, uma a uma, rosto abaixo.

— Preferia, juro, que ninguem viesse a saber a que profundidades tenho eu cahido. Para mim, aqui em Hollywood, palavra, não ha mais logar. Ha amor em Hollywood, bem sei, arruinaram-me, no emtanto, quando o amor cahiu para o negocio dos modernismos. Tudo mudou! Até o amor acharam de o fazer de fórma differente... Hoje eu sou tão popular, meu amigo, quanto um Film de epoca...

Aborreci-me vendo Cupido "daquelle geito". Elle, tão popular, tão estimado, tão querido... Não, não era possivel. Elle ainda havia de me contar e ali mesmo, tudo quanto soffria e porque é que soffria.

— Existe muita gente em Hollywood. Dessa gente toda, no emtanto, muito pouca ainda se lembra do verdadeiro systema de amor que eu sempre preguei, o systema que é o unico a trazer a felicidade. Tudo que é romance, sahiu de moda. Hoje, ninguem tem mais carramanchões floridos e ri-se daquelles que os têm, verdadeiras excepções dentro da epoca... O lado sentimental de tudo está embotado. Os dias bons do meu passado, foram-se.

De seus olhos cahiram duas lagrimas grandes, grossas, cheias de sentimento e um grande suspiro fez estremecer todo aquelle corpinho delicado e sensivel.

— Veja Lowell Sherman, por exemplo. Já tem sido, elle, heroe de Cinema e de theatro. innumeras vezes. Tem trabalhado como galã e como "villão", tem sido heroe, principalmente, vezes sem conta. Pois não foi exactamente elle que me fez, ainda ha pouco, no seu caso com Helene Costello, soffrer mais uma cruel decepção? Elle a accusou de ler literatura transcendente... Disse, além disso, que ella tambem atirou, nelle, a bola de crystal que tinha na mesa de cabeçeira... Onde a heroina dos tempos antigos, sentimental e delicada? Helene, por sua vez, declarou que Lowell Sherman não lhe servia mais, porque, positivamente, era elle um velho gordo, máu artista como elle só... Que elle mettia-se em outras conquistas e roia unhas. E tudo isso, meu amigo, sahiu impresso em jornaes... E' possivel esperar que o amor ainda volte, forte e sadio, dominador mais uma vez, depois de tanta cousa ridicula assim cruelmente exposta ao publico? Já pensei em pedir a Hoover que arranje uma commissão para resolver sobre o caso e fazer pesquizas. E' possivel que, hoje, Herbert Hoover seja bem mais influente do que Cupido, para negocios de amor...

Novo suspirinho e novas phrases, em seguida.

— Jamais pensei que fosse possivel a Ann Harding e Harry Bannister deixaram-me abandonado sem o calor extremo e delicioso do grande amor que era o delles. Concordo que as zoaveis. O que não acho razoavel, no emtanzoaveis. O que não acho razoavel ,no emtanto, é dizer elle que ainda está, hoje, mais apaixonado por ella do que nunca e, no emtanto, deixal-a quando sabe que lhe vae fazer falta, porque Ann não é do feitio daquellas que esquecem num segundo. Se Harry a amasse authenticamente, com ardor, pouco se incommodaria que o chamassem de senhor Harding, senhor Bannister ou senhor Hasenpfeiffer... Tanto se lhe daria um como outro nome. Intimamente elles saberiam quem mandava e quem obedecia. Foi delicadeza delles para commigo, sem duvida, serem o mais attenciosos possiveis, um com o outro, durante o divorcio, para não me melindrarem, Harry mandou a Ann, para que ella usasse durante o processo, no Tribunal, um lindo casaco de pelles. Apesar da gentileza e da cortezia reinante, nada mais fizeram elles do que arruinarem minha carreira. Sempre apontei-os como exemplos da especie de mercadoria que eu vendo. Hontem disseram-me que Harry já tem sido visto innumeras vezes em companhia de Gilda Gray. Nada sei á respeito, ainda, mas não sei, na verdade, em que pensar para poder pensar certo...

Lembrou-se de outro caso, logo em seguida e dirigiu-se ardentemente ao mesmo.

— Uma das cousas que eu tambem não posso comprehender, é essa situação em que se encontram Claudette Colbert e Norman Foster. Sei que sou á moda antiga e que certas cousas positivamente não entendo, mas poderá alguem me dizer porque é que ella, em Hollywood, mantém uma casa enorme e elle, seu esposo, reside num appartamento? Sei, perfeitamente, que elles jantam juntos, passeiam juntos, encontram-se sempre e quasi diariamente. Sei, tambem, que affirmam aos quatro ventos que são muito unidos e que se estimam delirantemente. O que acho exquisito e extravagante, nelles, é manterem inutilmente duas residencias. Para que? Quando eu era bem creancinha, cousas assim não aconteciam... O caso é que Hollywood fala e quando Hollywood fala...

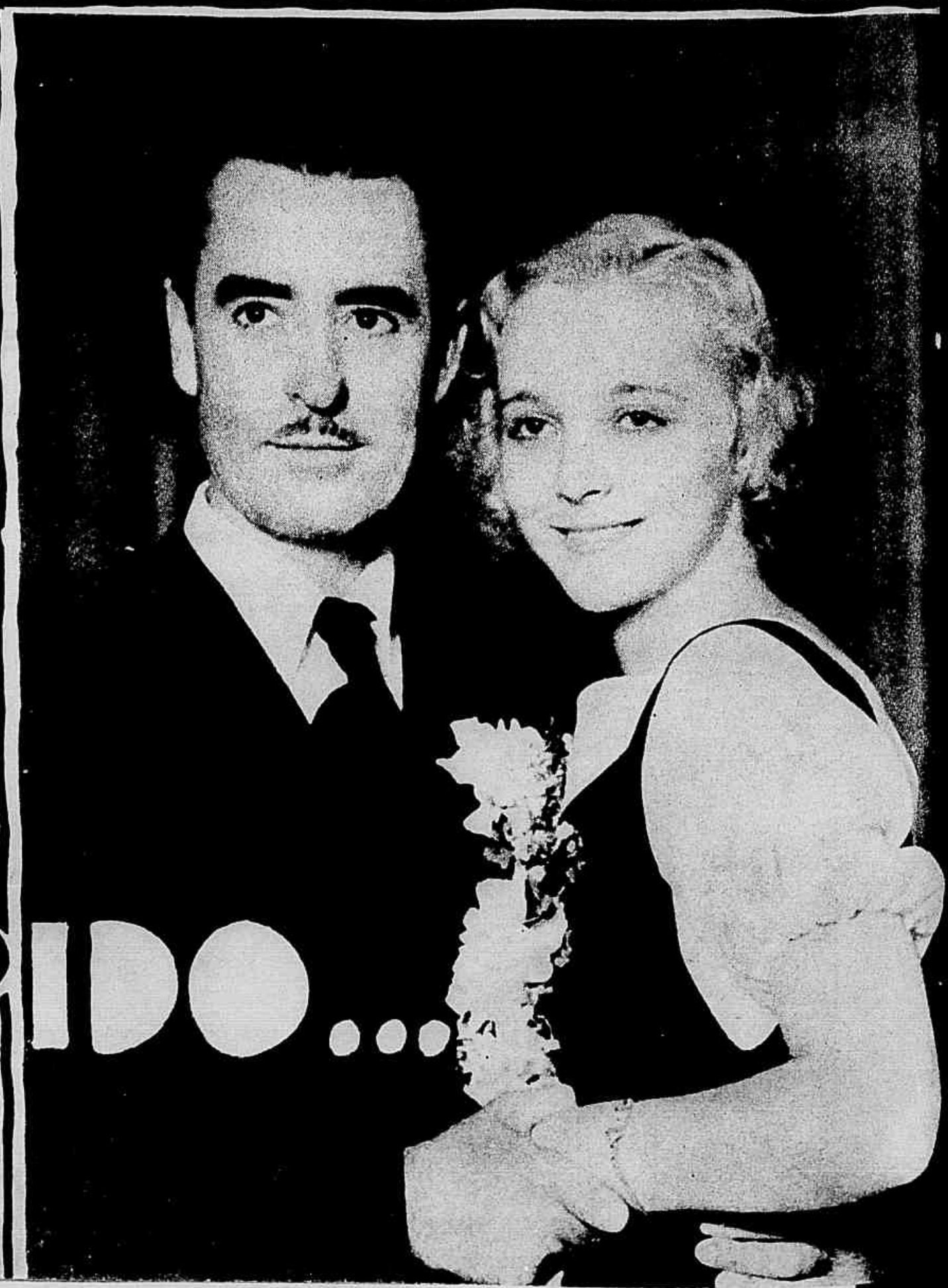
Lembrou-se de mais um caso. Dirigiu-se á elle, francamente.

— Esse negocio de modernismos, no caso de Miriam Hopkins e Austin Parker é tambem totalmente extranho a mim, que o desconheço na integra e não o posso acceitar, positivamente. Não sabia que Austin tinha estado em Hollywood e apenas vim a saber disso, quando me disseram que elle costumava passar "os fins de semana" com a esposa Miriam na casa della. Quando á sobrinha de Austin veiu até aqui, visitar os Studios, hospedou-se em casa de Miriam, tambem. Posso por acaso entender isso? O marido visita a esposa, ceremoniosamente, como se ella fosse simplesmente uma criatura conhecida e nada mais. E já falam, agora, da assiduidade de Austin junto a Billie Dove, heroina de Films e "vampiro" da vida real, ao que parece... Mas dizem, tambem, que Miriam, em troca, sorriu, achou graça e arranjou logo um moço bem mais sympathico e bem mais agradavel do que o marido para substituil-o... Que tal? Acha que eu posso acceitar e entender isso?

Indignadozinho, cruzou os braços e perguntou a mim a chave da solução. Não lhe consegui dizer nada, tanta era a sua furia e tão engraçadinho estava elle assim zangado. Proseguiu Cupido.

— Tive muito o que fazer com Ruth Chatterton e Ralph Forbes. Elles já se separaram e já se juntaram, novamente, mais de uma vez e, portanto, o que agora acontece com elles, já não me causa mais especie. Pareceu durante um certo periodo, que tinham assentado tudo e que seriam de futuro muito felizes. Mas... nada! Estão de novo em brigas e discussões... Ruth ha pouco seguiu para a Europa e Ralph ficou. Ralph, sózinho em Hollywood e, dizem requerendo ardorosamente seu divorcio por causa de uns olhos negros... Qual! Não gosto de mexericos e nem de falatorios, mas quando elles são tantos e tão detalhados... Ruth, todos sabem, quando está trabalhando não quer saber de mais nada a não ser seu trabalho e, por isso, dedica-se muito pouco ao lar ou ao esposo. Ella vive para sua arte e o marido, que não

(Termina no fim do numero).

John Gilbert é um dos que tem dado mais trabalho a Cupido. Aqui está elle com Virginia Bruce...

ROBERT COOGAN...

Mae Clarke

Está agora no Hospital.

A mais franca entrevista de Mary...

OUTRO dia escalaram-me para ir a Pickfair e conhecer a authentica situação do casal Fairbanks: — Mary Pickford e Douglas Fairbanks. Dizia-se que andavam mal, que se iriam separar. Nada ao certo se sabia. Eu fui para indagar e encontrei a seguinte situação: — Mary Pickford disposta a conduzir sua vida para a frente, sem interferencia ou conselho de quem quer que seja. "Quem quer que seja", Douglas incluso.

Ella jamais tencionou ir ao encontro de Douglas, em Papeete, onde elle estava Filmando e a prova disso é que foi para New York, por livre e espontanea vontade e lá passou tres mezes num confortavel appartamento.

Ella encara de frente o problema possivel de um divorcio absoluto, se necessario e apenas se quer voltar para o senso commum do publico americano, para o qual volta ella á attenção absoluta da sua futura carreira que ora pretende iniciar.

Ella quer Clara Bow para trabalhar com ella no seu proximo Film e se ella, Clarinha, fôr capaz de lhe roubar o Film todo, que o roube á vontade, porque é assumpto que não interessa a Mary Pickford nestas suas modernas considerações.

Ella diz que jamais lucrou cousa alguma com a fama de realeza que ha sobre o lar dos Fairbanks, estes ultimos annos.

Tudo isso e muito mais, contou-me ella, um dia desses, no vigesimo primeiro andar do Hotel Sherry Netherland, em New York. Lá é que ficou Mary morando emquanto Douglas dedicava-se, em Papeete, á Filmagem de **ROBINSON CRUSOE OF THE SOUTH SEAS.**

— Talvez você não saiba...

Disse-me ella.

— Mas toda minha vida eu tenho sido mandada. Eu era a caçula da familia. Sempre me mandavam, me governavam, me guardavam. A principio, Mamãe. Depois Lottie. E, por fim, o publico. Discutiam tudo, o que eu devia fazer, ou não. Até com meu cabello, se o devia cortar ou não, interferiam. Mesmo depois da morte de Mamãe, tornando-me eu, pelas circumstancias, chefe da familia, ainda assim queriam mandar-me. Pois bem: — tudo isso acabou. Agora eu vou é pertencer á mim mesma. Para mim integralmente!

Quando a encontrei, ha tres mezes, mais ou menos, no Studio da United, ella tinha os olhos rodeados de olheiras negras e uma apparencia abatida e cançada. Hoje, diga-se a verdade, ella é outra, absolutamente outra e seu principal caracteristico é a decisão absoluta que ha no seu aspecto. Sua apparencia é infantil e adoravel. Dessas pequenas que todo rapaz gosta de acompanhar á rua, pela attenção que chama e elogios que origina. Assim que eu entrei em sua residencia, cahimos numa série de reminiscencias de Hollywood e recordamos muita cousa agradavel. Depois é que nessa conversa cahiu nos motivos pelos quaes ella se encontrava em New York.

— Sim, resolvi passar estes tres mezes de folga aqui neste appartamento, desde que Douglas dirigiu-se ás ilhas dos Mares do Sul. Jamais tive intenção de me juntar a elle, lá. Declarou-se isso, por ahi, sem consentimento meu e mesmo sem meu conhecimento. De lá elle me tem escripto e me tem dito que lá nem cousas necessarias á vida commum existem. Acho que elle se sentirá feliz ao voltar para casa.

A respeito do facto de ter Douglas passado apenas tres mezes do anno em Pickfair, este anno, não mostrou ella, ao falar nisso, o mais simples resentimento. A respeito do caso de divorcio entre ambos, do qual falam, mencionou ella um artigo do Juiz Ben Lindsey escripto a respeito della, de Denver.

— Acho que elle tem razão total quanto as suas opiniões. Se dois entes deixam de se amar, a posição que enfrentam, na vida, clama pelo divorcio que ahi se faz necessidade. Acho que se eu fizer bons Films, pouco deve se importar o publico com o facto de eu ser solteira ou casada ou qualquer outra cousa. E se fizer maus Films, tambem. Não estou vivendo a minha vida privada para o publico e elle não tem razão de exigir semelhante cousa de mim. O que devo fazer, isso sim, para que elles fiquem satisfeitos, é trabalhar e muito para conseguir fazer bons Films, divertimentos agradaveis e desejados por todos e isso é tudo quanto o publico deve esperar de qualquer artista.

Parte do que conversamos, considerou Mary material privado e não para ser publicado. Parte, no emtanto, autorizou-me a contar e é isto que aqui estou fazendo, se bem que o que ella pediu que não contasse constituisse material tão interessantes...

— Acho...

Disse ella continuando.

— ...que a verdade jamais fere ao publico americano, quando dita com o coração. Sei, perfeitamente, que ultimamente tenho feito bem poucos Films. Muitos desses ultimos Films são bem ruins, mesmo. **KIKI** foi um grande erro meu. Sei e posso affirmar que conheço todas as razões pelas quaes eu tenho feito maus Films e posso corrigir esses mesmos defeitos. Tenho a certeza de que os proximos mezes definirão de vez a sorte da minha carreira. Sei tambem, que muita publicidade e cousas que se têm dito e escripto de mim, são falsas e indignas, mesmo. Pregaram-se muitas mentiras de mim, cousa, aliás, que se faz com toda **estrella** ou **meia-estrella** de Cinema. Quero que o publico saiba de tudo a meu respeito e, por isso mesmo, jamais tentarei siquer occultar qualquer cousa ao mesmo. Quero ser julgada, mas com justiça.

E ella, dizendo isso, tinha uma determinação ineludivel nos olhos. Desse ponto caminhamos para a discussão do seu proximo Film que Frances Marion escreveu para ella e que ainda, presentemente, não tem titulo definitivo. Agora que está sendo publicado este artigo é possivel, mesmo, que o mesmo já tenha entrado em producção. Mas Mary não quer muita publicidade e nem muito avançada a respeito delle. Em rapidas palavras, é a historia de duas irmãs que se apaixonam pelo mesmo homem.

Para o papel da outra irmã, Mary queria Clara Bow, a mais sensual das pequenas de cabellos de fogo de Hollywood.

—E' aconselhavel, mesmo, que **estrellemos** juntas o Film. Acho, com toda sinceridade, que o mundo tra-

(Termina no fim do numero)

Mary, agora é da franqueza rude...

COLLEEN VOLTOU...

COLLEEN MOORE está de volta a Hollywood. Está de volta ao Cinema, tambem. De volta, para iniciar, de novo, a sua subida á gloria dos outros tempos, tempos que não vão longe, mas que, sem duvida, para uma "estrella" são cousas do passado. E ella tenciona subir, subir bastante, até alcançar com a mão que leva estendida, o topo da fama antiga, mais uma vez.

Assignou ella um contracto de um anno, com opções, com a M. G. M. E' logico que não será ganhando mais aquelle colossal salario dos tempos da First National, quando ella recebia, semanalmente, nada mais e nada menos do que 13.750 dollars. Hontem ella era uma "estrella" de grande fulgor e fama, alguem que a bilheteria reclamava ardentemente. Hoje ella não é nem mais "estrella" e seu contracto marca-lhe apenas papeis de coadjuvante.

Sua volta á colonia onde outróra ella era quasi uma rainha, está toda cheia de perigos mais do que provaveis. Colleen sabe disso e disso tambem sabe o novo Studio para o qual ella vae trabalhar. Além disso, tudo quanto ella fez, antigamente, não poderá repetir, hoje, porque não se fazem mais Films como aquelles que lhe deram a maior parte de sua fama. Os Films de "jazz", vinho e amor, já passaram... A "melindrosa" é cousa do passado. Hoje é a epoca da malicia e da pose. Epoca das attitudes differentes e das personagens que são tão differentes, que, ao lado dellas, a "melindrosa" de outros tempos, aquella que foi a maior creação de Colleen Moore, nada mais é do que uma pequena ingenua...

A mais recente photographia de Colleen Moore (De Hurrell, especial para Cinearte).

Colleen sabe disso tudo. Mas ella esqueceu completamente a "melindrosa." Quando você, leitor amigo, encontrar-se novamente com ella, no Film que presentemente ella está fazendo, ao lado de Wallace Beery, encontrar-se-á você com uma Colleen Moore differente. Ella terá, então, muito da creatura ajuizada e mudura que já passou pelos aborrecimentos da vida. Seus papeis, agora, serão dramaticos. A historia que ella está fazendo com Wallace Beery, chama-se FLESH (Carne) e pelo titulo parece ser algum drama sugestivo. Nessa historia, o papel della é o de uma mulher que ama muito, mas muito, com o coração em demasia e pouco com a sensatez. E desse amor advem um filho illegitimo.

Vamos ver, da luta da antiga heroina de historias de mocidade, para a heroina presente, dos dramas pesados e tristes, qual das duas será melhor. Uma cousa no emtanto, salta logo aos olhos: — a artista que Colleen innegavelmente é. Só esse facto basta para resaltar seu trabalho em qualquer papel.

O facto é que Colleen Moore quer voltar e quer, porque ama sua carreira e não conseguiu esquecer seu publico. Mas o publico acceitará a nova Colleen? Mary Pickford, por exemplo, foi das muitas que experimentaram o despreso publico diante de uma mudança de papeis. Mary era a creança meiga que todos queriam ver como creança. Um dia, quiz ser "coquette"... Não agradou e o publico, surdamente como sempre o faz, negou-lhe totalmente qualquer apoio. E Mary convenceu-se de que errára... Succederá o mesmo a Colleen?

Os fans de Colleen não a esqueceram. Ainda outro dia, quando me encontrei com ella, mostrou-me, em sua casa, a enorme correspondencia que recebeu depois de deixar o Cinema. Diga-se de passagem, pouca cousa diminuiu. Os seus antigos fans conservam-se amigos e de todos elles tem ella cartas pedindo para que volte, para que não deixe a carreira. O negocio, no emtanto, é que ella precisa ter sorte, bastante sorte. Se o seu primeiro Film de apresentação, este com Wallace Beery, fôr realmente bom, nada mais será necessario. Mas se fôr apenas vulgar?... MADEMOISELLE FIFI E "SMILING IRISH EYES" (que aqui no Brasil não veiu), foram fracos, ambos, apesar de tudo ter sido feito para que agradassem. Appoiavam-se mais nas melodias e nas canções do que na historia e Colleen, com os mesmos, deixou uma má trilha de recordações. Tudo contra, portanto! Mas ella realmente tem sangue irlandez e sem duvida vae lutar e quando um irlandez luta... geralmente consegue aquillo que ambiciona...

Terminou ella seu contracto com a First National. A Warner, que encampara a First, não quiz continuar a tel-a no elenco pagando-lhe o mesmo salario. Outras companhias fizeram igualmente propostas. Mas todas ellas eram muito inferiores ao seu derradeiro ordenado.

Colleen pensou e resolveu não acceitar menos. Pensou que isso convencesse a que lhe dessem aquillo que queria.

Além de seu fracasso artistico que então se iniciou, começou ella a levar uma vida intima igualmente amargurada. Ella era esposa de John Mc Cormick, tendo sido esposa delle no periodo de sua mais extrema mocidade. Amavam-se muito. Tudo lhe sorria e, mesmo, chegou a accumullar uma fortuna, feita com Cinema, de cerca de 3.500.000 dollars. Além disso, casas, varias propriedades e abundancia em tudo, mesmo.

Um dia, no emtanto, comprehenderam que estavam seguindo linhas parallelas. Jamais teriam novo encontro. Atiraram-se á discordia e não mais conseguiram concertar os fios partidos daquella meada de felicidade. Colleen, de accôrdo com seus credos pessoaes, resolveu não progredir naquella infamia que ella achava uma vida assim torturada, sem nenhuma felicidade. Propoz a Mc Cormick separarem-se. Elle concordou e conseguiram o divorcio. Justamente quando ella comprehendeu que nada mais conseguiria fazer para rehaver a antiga posição, comprehendeu, tambem, que a felicidade com o marido, para ella, era um sonho do passado...

Tentou o theatro, então. Má peça, a de estréa, naufragou ella da mesma fórma e successo algum conseguiu, não só por ser má a peça, como por ter o caso do seu divorcio abalado de certa fórma seu prestigio na cidade. Mais uma desillusão, portanto, para as muitas que ella já vinha reunido no coração.

Em Janeiro deste anno eu me encontrei com Colleen em New York e, então, disse-me ella que jamais volveria ao Cinema. Ella é muito sincera e tudo quanto pensa, diz. Não pensava então em mudar de resolução e, principal motivo disso, a certeza que tinha de ter sido um fracasso, cousa que a agoniava extremamente.

(Termina no fim do numero).

Edward G. Robinson...

TOM BROWN

(De Gilberto Souto, representante de "Cinearte" em Hollywood)

Vocês podem acreditar que um rapaz com dezenove annos se possa considerar um veterano no palco e no Cinema? Mas, *mesmo que pareça mentira*, Tom Brown desde os dezoito mezes trabalha!

E elle, modestamente, certa vez, sendo perguntado — respondeu — "Querem saber quem eu sou — quasi um *extra!*"

Eu estava perto de Tom, quando elle deu essa resposta a um grupo de pequenas, á porta do luxuoso Chinese Theatre, no Hollywood Boulevard. A' première de "Mata Hari".

Como ninguem o conhecesse, uma garota lhe perguntou — Quem é você?".

E a resposta foi aquella acima. Minutos depois, falava eu com Tom e lhe dizia:

"Mas, Tom você é um veterano no palco e mesmo no Cinema, como poude dar aquella resposta?

"Ora, agora é que estou começando de facto uma carreira. Estou no Cinema e hei de trabalhar muito para ser alguma coisa!"

Gostei de o ouvir falar e, por isso, eis-me aqui a redigir estas linhas, escriptas depois de algumas horas de palestra que tive em sua residencia, quando elle foi gentil bastante para receber "Cinearte" e os seus leitores.

Tom Brown é o nome mais vulgar que existe em todos os Estados Unidos, mas dento muito breve, elle será popular, conhecido e querido pelos "fans".

Dezenove annos apenas. Moço, forte, sympathico e — mais do que tudo isso, trazendo no sangue uma parcella de arte.

Herdou dos paes essa inclinação pelo palco e, agora, pelo Cinema. Nasceu de artistas e continua na carreira dos paes, representando e vivendo os papeis que lhe dão.

O seu caso no Cinema é um dos mais curiosos. Chegando a Hollywood, desconhecido, sem nome — um simples rapaz, cinco dias, mais tarde, estava contractado e uma semana depois começava a trabalhar, na First National em "The Famous Fergurson Case", para cuja empresa foi cedido pela Universal.

Dá gosto ouvil-o falar de sua vida passada, dos seus tempos de collegio, em New York, quando teve por companheiros de bancos, a Margaret Churchill, William Janney, Lilliam Roth, Helen Chandler, Anita Louise, Gene Raymond, Helen Mack, e Junior Durkin...

"Anita Louise era a mais pequenina de todas. Vivia chorando... Lillian Roth, talvez, a mais endiabrada.", — dizia-me elle, a palestrar.

E deve ser verdade. Lillian Roth, esse "peccado" que o Cinema apresentou, em tantos Films deliciosos devia ter sido mesmo um caso serio quando creança...

"Não acha interessante tudo isso? Fomos collegas de collegio, estudamos juntos, brincamos e, hoje, viemos a nos encontrar em Hollywood, cada um seguindo a sua estrada... Já vão longe, aquelles tempos de estudos e folguedos... Hoje, trabalha-se e, apesar disto aqui ser Hollywood, ha pouco tempo para brincar de novo. O trabalho no Cinema cansa bastante e ha pouca folga entre um dia e o que vem a seguir..."

Tom Brown e "Cinearte".

A casa de Tom Brown é muito bonita, elegante e mobilada com conforto. Foi elle proprio quem veio abrir a porta para "Cinearte", trajando uma calça branca e uma camisa sport, subindo-lhe até ao queixo, como é a ultima moda da cidade do Film.

"Esta aqui é mamãe, a minha melhor amiga!" — diz-me elle, apresentando-me a uma senhora muito sympathica e bastante moça ainda.

"Papae está lá dentro e, depois o apresentarei" — diz-me Tom, pondo-me á vontade em uma poltrona mais do que confortavel.

O radio tocava uma melodia bonita, e bastante sentimental. Tom parece ouvil-a tambem e fala: "Não acha linda? Se eu pudesse trabalhava sempre com musica ao meu lado. Gosto immenso. Antigamente, nos Studios usavam de musica para os momentos mais emocionantes e mais ternos dos Films. Hoje, não!

Gostaria que ainda fosse assim... Lembro-me que ao trabalhar em um Film de Herbert Brenon, ha muitos annos, havia uma linda musica, diz-me elle: Foi assim, que vim a saber que, em New York, quando ainda não havia attingido a idade de seis annos, Tom havia tomado parte em "O Beijo de Cinderella", aquelle conto de fadas, que Herbert Brenon fez para a Paramount, logo a seguir ao seu grande exito, "Peter Pan".

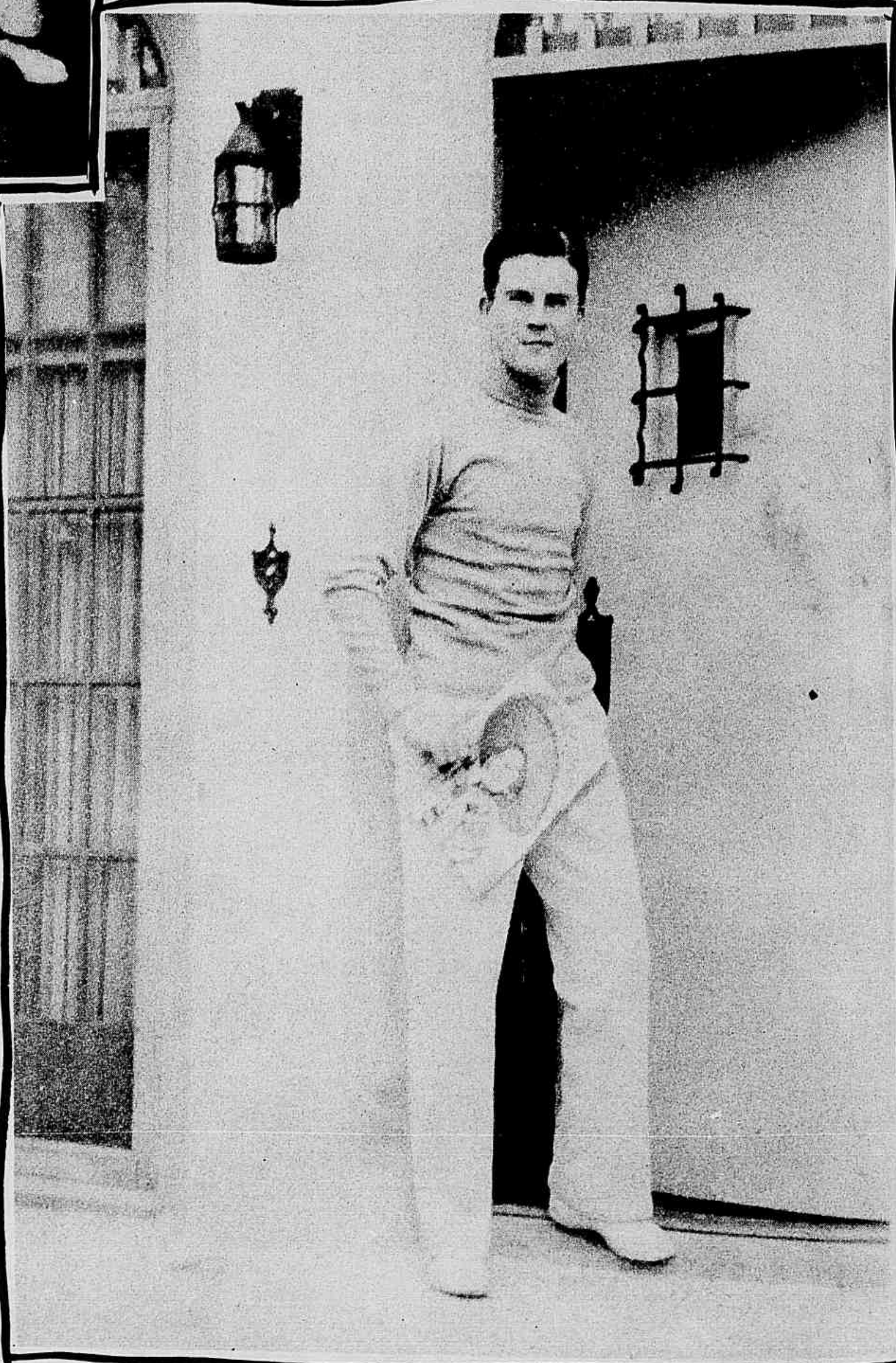
"Trabalhava tambem em todos os Films que se faziam em New York, como "extra" ou em pequeninos papeis infantis... Dividia o meu tempo, entre os Films e o theatro e o radio.

"Tinha Tom dezoito mezes, quando eu e o meu marido o fizemos apparecer no palco, num "sketch" em que trabalhavamos", apartêa Mrs. Brown, recordando o debute do filho, na ribalta, em plena Broadway. Agora é mamãe Brown que toma o fio da palestra: "Tom teve uma infancia dividida entre os estudos, na *Professional School for Children*, em New York, e o palco. O Cinema, porém, o attrahia immenso. Tom levava a falar em virmos para Hollywood. Estava elle, então, com dezoito annos e deveria entrar para uma escola superior, afim de seguir uma carreira. Não queriamos que elle, vindo para Hollywood, começasse a fazer papeis pequenos, simples partes ou—quem sabe "extra"?

Tinhamos conversas muito longas. Tom apontava o exemplo de Sylvia Sidney e Kent Douglass, que com elle trabalharam em New York, no palco. Helen Chandler, William Janney, Lilliam Roth... todos estavam alcançando, aos poucos, fama e successo.

"Um dia, porém", dissemos, eu e o pae, "vamos para Hollywood! Se conseguir-se um contracto, muito bem. Ficamos e terminarás os teus estudos", terminou Mamãe Brown a sua narrativa.

Realmente, a confiança que Tom demonstrou em si proprio, o desejo de ven-

cer e o enthusiasmo com que se submetteu aos "tests" lhe deram esse ambicionado contracto, nome, successo e o conforto para a familia toda.

"Fiz um "test" para a Fox. Gostaram muito e estavamos entabolando negociações, quando Mr. Laemmle Junior me chamou e ordenou tambem um "test".

Laemmle Jr. ficou contente e fez a sua proposta. Como era mais vantajosa, assignei contracto com a Universal e, cinco dias depois de chegar a Hollywood tinha ganho a minha causa.

Estou contentissimo pela opportunidade que elle me deu. Fui emprestado para esse Film da First National — "The Famous Fergurson Case", onde faço um reporter de uma cidadezinha pequena. E sabe que gosto da vida de jornal?"

"Como, conhece-a?" — indago eu, surpreso.

"Sim, o meu tio, irmão de minha mãe, é dono de um dos melhores jornaes de Boston e muito meu amigo. Quando, iamos lá visital-o, ou costumava passar muitas horas na redacção e quem sabe se esse tempo todo não me deu a conhecer certos detalhes da vida jornalistica. Foi lembrando desse tempo que pude melhor compor o typo do "reporter phoca" do Film da First National..."

CI-NE-MA

Estavamos a conversar, quando notei numa parede um retrato de James Gleason, Robert Armstrong e um garoto. Perguntei quem era.

"Sou eu", diz-me Tom, "quando estive tres annos trabalhando em "Is Zat So?", na companhia de Gleason e Bob Armstrong.

São dois bons camaradas, dois amigos que tenho. Mas, o meu amigo intimo é Russell. Conhece-o?"

Russell e Tom são amigos desde meninos e nunca se separaram. Andam, agora que Tom veiu para Hollywood, sempre juntos. Pelas praias (elles são os dois conquistadores perigosos de Santa Monica e Malibu...) de noite, pelos Cinemas e ás vezes, quando os paes dão licença no Cocoanut Grove...

Em New York, Tom trabalhou em dois "talkies" — "Mentiras de Mulher" e "Rainha de Copas", ambos já estreados no Rio.

"Mentiras de Mulher", como vocês bem se recordam, tinha Walter Huston e Claudette Colbert, nos protagonistas. Lembram-se desse Film, dessa historia? Pois, Tom fez o papel do filho de Walter que se rebella contra a mulher que o pae escolhera para sua segunda esposa. Recordam-se, agora?

Tom é um rapaz sympathico, onde a qualidade principal é, sem duvida alguma, a franqueza.

Nota-se nelle simplicidade, gentileza, educação. Um menino grande, mas tão agradavel, intelligente e educado que ha prazer em conversar com elle e deixar-se invadir pelo seu bom humor e a sua alegria de gente moça e feliz.

E que exemplo bonito para os que desanimam do que vêr esse rapaz chegar e vencer Hollywood, quando outros esperam annos e annos pela almejada opportunidade. Mas, nelle encontramos animo, força de vontade, coragem para lutar, perseverança e confiança em si mesmo.

Elle mesmo me disse que nem por um momento sequer havia pensado em fracassar, sabia que a luta seria difficil mas elle tambem não esquecia que possuia qualidades e que sabia mostral-as, afim de bem impressionar o productor que para ellas quizesse deitar um olhar curioso...

Elle não deixou a opportunidade fugir. Viu-a, e agarrou-a com unhas e dentes, ou, talvez melhor, prendendo-a pelos cabellos, — como o famoso hindú Bichara, de Paris...

Durante as horas que passei, alegremente, em casa de Tom Brown, pude bem observar como elle é uma dessas creaturas destinadas a vencer e, agora, ao escrever, posso acrescentar mais alguma coisa ás minhas observações.

Na Universal, Laemmle Junior ficou tão enthusiasmado com elle, que, logo após elle ahver terminado "Fast

Tom Brown e Gilberto Souto, representante de "Cinearte" em Hollywood.

Companions", ao lado de James Gleason e Maureen O' Sullivan, destinou para o novo artista o primeiro papel de "Tom Brown at Culver", Film que, pela primeira vez, leva no titulo o proprio nome do protagonista.

Esta historia é bastante interessante, vivida toda ella por jovens, rapazes de onze a vinte annos. Passa-se na Academia de Culver, onde são treinados para o exercito os cadetes. Não ha um unico sorriso feminino em todo o Film...

"Não acha que é differente? Não ha uma unica mulher no nosso Film, mas a historia tem tanta acção, que o seu desenvolvimento foi tão bem feito que duvido por esse lado não vá agradar...

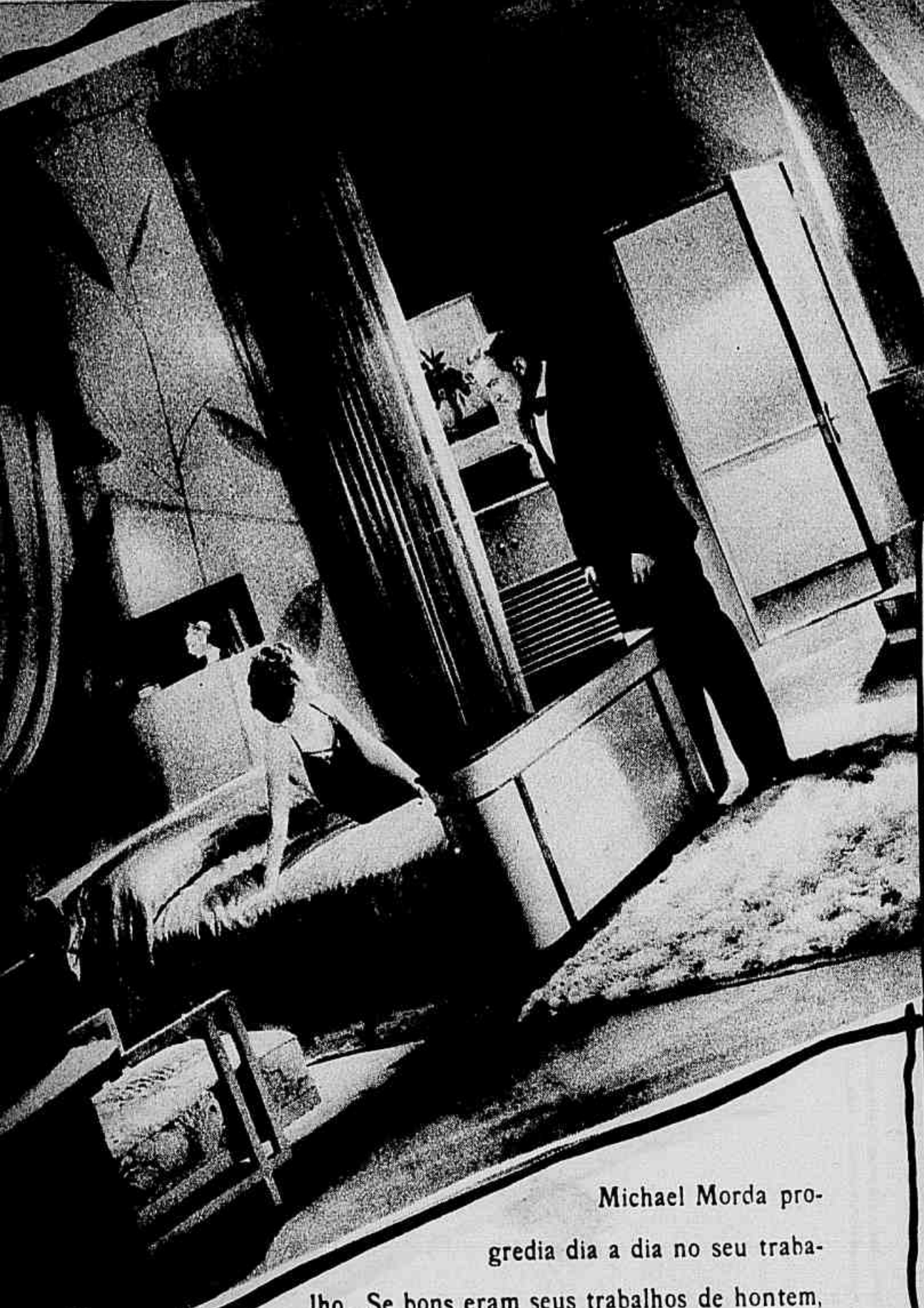
Agora, talvez eu venha a estragal-a!" — diz Tom Brown, talvez "bancando" o modesto.

Tom Brown não me causou decepção, pois sabia direito onde ficava o Brasil, não me deu Buenos Aires por capital, nem me perguntou se conhecia um americano que vivia, ha muitos annos, em Lima... Não me deixaram mais sahir, fiquei para almoçar com Tom e seus paes.

"Este é o "velho", diz-me elle, apresentando-me, Mr. William Henry Brown, o chefe da familia é um velho "trouper".

O pae de Tom foi, durante muitos annos, artista de vaudeville, andando de estado em estado, trabalhando, depois por longo tempo, na Broadway. Escreve musica e tem composto partituras para varias comedias musicada. Fiquei curioso por conhecer algumas obras do pae de Tom e foi este que, notando o meu modo insistente em ouvir, disse — "Vamos papae, toque e cante alguma coisa..."

Tirando do piano melodias tão lindas, Mr. Brown veiu ainda tornar mais agradaveis os mo-

(*Termina no fim do numero*)

Celibatario

Michael Morda progredia dia a dia no seu trabalho. Se bons eram seus trabalhos de hontem, optimos tornavam-se hoje e certamente attingiriam a perfeição, amanhã. Razões tinha elle, de sobra, para ser um artista de merito. Elinor Hunter era sua paixão.

Julie Stressman, sua inspiração artistica. O que Elinor lhe dava em conforto espiritual, Julie fornecia-lhe, por seu lado, em compensação physica.

Sem duvida elle amava Elinor. Sem duvida apreciava em Julie apenas suas qualidades de modelo impeccavel. Mas ambas as mulheres não, comprehendiam a cousa por esse lado e... discutiam. Discussão travada surdamente, sem apodos e nem offensas e, sim, com indirectas e ironias. O facto é que se detestavam: — Elinor certa de que Julie queria roubar-lhe o "quasi" marido e Julie, embora amando Michael surdamente, certa de que era da "outra" o coração do seu amado.

Nem Jerry e nem Winthrop conseguiam modificar a situação. Amigos de Michael, interferiam e tentavam sempre apaziguar tudo. Innutillmente, no emtanto. Michael artista e cheio de alma, divertia-se com a ciumada de ambas e procurava concilial-as.

Promettia a Elinor despedir Julie... depois de seu proximo trabalho e este "proximo" nunca chegava a ser o ultimo. Julie, por sua vez, não occultava nada ao esculptor. Sabia elle, perfeitamente, da existencia de Mitzi, a filha já crescida da sua modelo e era bem por causa da pequena que elle não queria tomar resolução alguma relativamente á modelo.

E passou-se assim o tempo. Nem favoravel a Elinor e nem contrario a Julie. Cada vez mais apaixonado pela noiva, com a qual casamento marcado quasi já tinha e sempre se inspirando na plastica perfeitissima da outra para suas composições.

Um dia, no emtanto, o destino interpoz-se e resolveu mudar todos os rumos. Julie, victima de um desastre, morria em plena rua e deixava-lhe a filhinha para acabar de criar.

Michael nada podia fazer. Era acceitar e... proseguir. Assim o fez. Installou Mitzi em seu appartamento, deu-lhe todo conforto, fez o possivel para conseguir que ella esquecesse a morte tão tragica e tão infeliz de sua mãe.

Aos poucos affeiçoôu-se á pequena como se seu pae fosse e, quando Elinor deu accordo de si, até a data do casamento já tinha sido olvidada...

E Elinor, mais ciumenta ainda da pequena do que de sua mãe infeliz, resolveu abandonar Michael para sempre. Muito soffreu elle a principio. Mas depois esqueceu e volveu para a pequena Mitzi todas as suas attenções carinhosas.

Annos se passam, Michael Morda torna-se mais e mais famoso. Suas esculpturas tornam-se mundialmente famosas e elle, apesar disso, sempre modesto e dia a dia mais fascinado pela delicadeza e pela bondade da pequena Mitzi que elle criára com todo carinho, passando, mesmo, por seu pae.

E Mitzi, já uma moça, tem pelo "pae" um amor que não é nada

(THE BELOVED BACHELOR) — FILM DA PARAMOUNT

PAUL LUKAS . . . . MICHAEL MORDA
DOROTHY JORDAN . . . . MITZI STRESSMAN
BETTY VAN ALLEN . . . . MITZI, (CREANÇA)
CHARLIE RUGGLES . . . . JERRY WELLS
VIVIENNE OSBORNE . . . . ELINOR HUNTER
LENI STENGEL . . . . JULIE STRESSMAN
JOHN BREEDEN . . . . JIMMY MARTIN
HAROLD MINJIR . . . . WINTROP COLE
HORTENSE COLE . . . . MARJORIE GATESON
ALMA CHESTER . . . . MARTHA
GUY OLIVER . . . . JOHN ADAMS

Director: — LLOYD CORRIGAN

filial e nem simples. E' paixão. Ella tem sentimentos de artista. Alma. Comprehende tudo quanto elle explica, sorve-lhe as lições de arte com desvelo. Ama-o. Comprehendeu isso, esconde o sentimento e nada mais faz do que soffrer de um ciume que teme demonstrar para não ser ridicula aos olhos dos outros, principalmente dos delle e soffre porque não tem absolutamente a certeza de ser amada.

Precipitam-se as cousas, um dia, quando Elinor desce de novo á vida de Michael. Vem casada, differente. Mais do que nunca admira o antigo noivo e mais do que nunca quer esse homem para

"CARINHOSO"

si. Michael a principio reage. Depois, sentindo a volta do passado, cede. E ella promette divorciar-se para ser sua esposa, para sempre e elle não mais duvida de que volte com isso a felicidade que elle outr'ora tanto sentira perder. E com desgosto profundo do marido de Elinor e intenso soffrimento de Mitzi, prosegue, triumphante, a paixão de Michael por Elinor e o capricho desta pelo amor do passado, celebridade mundial do presente...

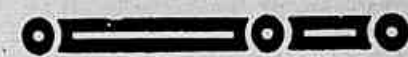
Num encontro que Michael e Elinor têm, no apparta mento delle, Mitzi não mais se contem. Em lagrimas, depois que a rival sahe, conta ao "paezinho" adorado que o ama intensamente e que o quer acima de tudo. Ao contrario do que ella espera, a declaração que ella faz nada mais provoca do que "pito" e observações do esculptor. Elle, cego novamente por Elinor, nem siquer vê a belleza sublime do affecto puro que tem aos pés. Calca-o com um despreso de adulto que reprehende creança, esmaga-o friamente, como só se esmagam, na vida, as cousas inuteis e despresiveis... Pisada, transferida de appartamento, para que Michael e Elinor tenham mais liberdade, Mitzi, despeitada e ferida, disposta a tudo para vencer a luta que aquella creatura lhe offerece, volta suas attenções para a paixão moça de Jimmy Martin, que não a deixa em paz um só instante com seus rogos e declarações.

O namoro intensifica-se e e só então que Michael comprehende que tambem sente pela sua "filhinha" alguma cousa mais do que aquillo que sempre pensara que fosse apenas amor "paternal"

Dias depois, Michael recebe a visita do marido de Elinor. O homem, fria e ponderadamente explica-lhe a situação em que se encontra, o amor que devota á esposa, tudo quanto, em summa, destruirá elle se consentir em levar a cabo a leviandade que a mesma lhe propuzera.

Michael ainda reluta. Mas a franqueza daquelle marido não soffre duvidas para ser acceita. O artista garante-lhe que a esposa regressará ao lar e para isso jura que a deixará para sempre.

E' o que faz. Logo que Elinor torna a partir em companhia do marido, Michael volta-se para Mitzi e seu namorado. Ahi é elle que soffre. A lição é dura e cruel. Mitzi tortura-o. Soffrimentos sobre soffrimentos, mais soffrimentos ainda e, afinal, o grande dia: — Mitzi desfaz a ligação amorosa que mantem com Jimmy Martin. Volta-se para o artista. Confessa-lhe que aquelle "amor" nada mais fôra do que um pretexto de fazer ciumes...

E um grande, sincero e admiravel beijo final fecha o circulo amoroso da vida daquelle celibatario carinhoso...

Max de Vaucorbeil já iniciou as filmagens de "Une faible femme", cujo argumento foi tirado da peça de Jacques Deval. Meg Lemonier, Betty Daussmond, Simone D'Arches, Germaine Roger, Andrée Champeaux, André Luguet, Pierre de Guingand, Fernand Frey e Charles Redgie, estão no elenco.

+ + +

"La belle marinière", producção da Paramount que Harry Lachman está dirigindo, comporta muitas scenas exteriores passadas nos canaes da França e Belgica. A historia é de Marcel Achard. Madeleine Renaud, Pierre Blanchar, Rosine Deréan, Charles Lorrain, Jean Wall e Jean Gabin, interpretam os principaes papeis.

+ + +

Muito breve serão iniciadas as Filmagens de "Chouchou poids plume, sob a direcção de Léon Poirier.

Ainda Carole Lombard...

Até a hora em que escrevemos William Powel ainda não tinha comprado nem o revolver...

Celia
Montalvan
dos
films
falados em
hespanhol . .

Lembram-se de ZaSu Pitts em "Ouro e Maldição"

AQVELLA

Já notaram, por acaso, que as pessoas que têm o direito de reclamar, da vida, soffrimentos e desillusões, são, ao contrario, exactamente aquellas que ainda se vão incommodar com as amollações dos outros e ajudar outros a sahirem de tribulações?

ZaSu Pitts é desta especie. Quasi sempre apparece alguma cousa triste e aborrecida para preoccupar sua vida intima e artistica. O que de mais tragico aconteceu a ZaSu, ultimamente, foi seu divorcio que, segundo affirmam, foi o golpe mais rude que ella já levou em toda sua vida. Mas ella não se queixa, não mostra a ninguem o quanto soffre. Não é dessas que se lamuriam e contam a meio mundo suas maguas e, bem ao contrario, faz o maior empenho possivel de que não conheçam nada de sua vida particular, principalmente das tristezas que porventura a afflijam. ZaSu é uma creautra invulgar podem disso ter a certeza.

Encontrei-a pela primeira vez ha doze annos e hoje, como hontem, é a mesma a minha opinião a seu respeito. Se alguem, em Hollywood, consegue lutar, vencer, ser celebre e sem mudar de conducta ou de caracter, pode considerar-se, sem exaggero algum, exemplar e feita de estofo incommum. ZaSu é assim. Existem tres pequenas capazes de fazerem vida assim em Hollywood. Dellas, ZaSu é uma, sem duvida, absolutamente. Deixo de citar as outras duas, porque para ellas eu já tenho artigos planejados e, assim, não misturarei aqui material para tres cousas igualmente differentes.

ZaSu Pitts nasceu numa pequena fazenda em Kansas. Quando tinha ella apenas um anno de idade, mudou-se a familia para Santa Cruz, na California. Sua mãe era irlandeza e seu pae era um soldado reformado do exercito americano. ZaSu nasceu sob má estrella, certamente, mas recebera, dos paes, dotes que a fariam vencer, apesar de tudo, porque ella seria principalmente corajosa e além de tudo magnanima de coração. Seu pae era um sonhador. Sua mãe, uma corajosa incomparavel. Seu pae era dessas almas romanticas, cheia de illusões e canticos de felicidade, sempre sonhando de olhos abertos. Visualisador, impenitente, de cousas que nunca se realisariam, na sua vida. Sua vida era mais no futuro do que no presente. Sua mulher era mais material do elle e muito mais lutadora. Era ella, a bem dizer, que conduzia a vida da familia ao relativo successo em que viviam.

Um dia o velho morreu, pobrezinho, sempre sonhador e romantico e a viuva ficou apenas com a magra pensão de 25 **dollars** mensaes que lhe deu o governo. Poz ella os pequenos no collegio e metteu-se na luta com ardor. Ahi era ella sózinha e sua coragem centuplicou-se diante das difficuldades que presenciou nitidamente.

ZaSu tomou muito da responsabilidade da familia sobre seus hombros. Tinha ella uma bicycleta e, entregando encommendas, pelas redondezas, augmentava o dinheiro de lucro da familia, com o qual viver é comer. O caso é que ella trabalhava, com ardor e, quando chegava a hora de comer, sempre era ella a ultima a se servir, para que nada faltasse aos outros e a unica que se alimentava realmente mal, com o quasi nada que sobrava. Como qualquer pessoa de personalidade, ZaSu era mal comprehendida. Ella sentia que em si havia qualquer cousa nova, differente, exquisita, que ella ainda não sabia realmente o que fosse, mas que seria uma cousa que a havia de conduzir á victoria de seus ideaes ainda encobertos. Mas a familia afastava-se diametralmente de seus planos e todos a achavam idiota quando sahia-se ella com alguma nesguinha de suas idéas.

Quando passou a frequentar escolas, ZaSu Pitts sentiu a frieza dos collegas em torno de si. Ella não tinha bôas roupas, era pobrezinha e além disso retrahida. Deixavam-na sempre ao canto, não lhe davam a menor importancia, não a convidavam para diversão alguma. Era um soffrimento sobre o outro.

ZaSu era uma creança feia, desageitada, pouco agradavel de se olhar. Apenas seus olhos eram sempre bonitos e grandes, parecendo sempre espantados. Quando chegou sua idade de crescer, ainda mais feia e desageitada ficou. Havia, nos seus movimentos, no emtanto, qualquer cousa graciosa e diffente que nem ella saberia explicar, com certeza. Talvez fosse o remanescente da sua experiencia como cyclista. Seus tornozellos eram perfeitos, suas pernas bem feitas e suas mãos realmente lindas. Seus olhos é que chamavam logo a attenção. Seu rosto parecia quasi morto. Mas seus olhos eram de uma expressão immensa. Era sua alma a pedir companheiros e amisades. Olhos tristes. Olhos tragicos na supplica que faziam, mudos e anciosos.

Quando ella frequentava já escola mais adiantada, teve uma grande alegria, um dia. Permittiram que ella representasse um papel de heroina numa peça do theatro de amadores do collegio. O programma annunciava **ZASU PITTS EM "FANCHON E O CRISKET."** Quando a viram representando, muitos não deixaram de lado a idéa de avisal-a que prosseguisse. Mostrou logo que tinha decidida vocação para a arte de representar. ZaSu, no emtanto, não se deixou logo vencer por tal resolução. Sua mãe é que a persuadiu, um dia, a tentar sua carreira em Cinema.

Ella chegou sósinha a Los Angeles. Alugou um quarto baratissimo no Hotel Lankershim e resolveu logo conquistar Hollywood da melhor forma possivel. Naquelle tempo, no emtanto, Holywood nada mais era do que um suburbio rudimentar. Aquelles primeiros tempos foram terriveis, para ella. Ella fazia

diariamente o circuito dos Studios e depois voltava para Los Angeles, onde exhausta, descançava até ao dia seguinte, quando continuava a peregrinação infallivel. Não falava a ninguem, no hotel e nem conhecia pessoa alguma. Completa solidão, completa tristeza para sua alma já de si triste. O tempo que ella tinha disponivel, passava-o ella ao lado da loja Hamburgueza, onde havia uma escada rodante que ella achava uma maravilha, por nunca ter visto semelhante e que era seu unico divertimento, naquillo tudo.

Mais tarde mudou-se ella para um quarto ainda mais barato, pois seu dinheiro findava-se, pouco a pouco, num dos arrabaldes mais pobres de Los Angeles. Sem o saber, ZaSu mudara-se exactamente para o bairro que, naquella epoca, era exactamente o bairro das "luzes vermelhas", de Los Angeles... Mas nada percebeu ella, daquillo, porque o dia todo passava ella procurando emprego e á noite, quando se recolhia, vinha tão esfalfada que era só encostar a cabeça no travesseiro que já estava dormindo profundamente.

Nessa epoca, ZaSu tinha apenas um vestido de sarja azul, o qual já estava ficando razoavelmente rustico. Seus sapatos já tinham levado por duas vezes meia sola e já prometteiam resistir bem pouco. Sua pessoa era dessas que logo traziam sympathia a qualquer extranho e era bem nisso que ella confiava para poder, afinal, triumphar. Naquelle tempo ella contentava-se com sympathia. Depois é que essa palavra tornou-se para ella odiosa.

Um dia conseguiu ella um pequenino papel na Universal. Logo depois conseguiu ella outros papeis e a vida, para ella, que era ambiciosa mas não gananciosa, tornou-se logo um paraiso aberto. Directores e gente de influencia, no local, passaram a tratal-a, com consideração, passou a ser conhecida. Um dia apresentaram-na a um director que ia fazer uns Films independentes e a queria para ser "estrella" dos mesmos. Alegrou-se ella immensamente com a noticia e quando elle lhe perguntou que ordenado serviria, respondeu ella que com doze **dollars** e meio, por semana, arranjava-se perfeitamente... Elle a contractou, immediatamente, mas, justiça se lhe faça, ao cabo de duas semanas augmentava o ordenado della e tornava, mais tarde a fazer novo augmento, de fórma que ella terminou percebendo 35 **dollars** semanaes. Ella não queria crer na sua bôa estrella e achava aquillo positivamente uma fortuna, para ella. Por ella, teria assignado um contracto para o resto da vida com aquelle productor independente. A Universal, no emtanto, fez-lhe uma proposta, logo em seguida, para um contracto de curto praso, e quando perguntou quanto devia pagar, respondeu ella, certa de que acertava: "35 **dollars** por semana." Assim foi assignado o contracto, se bem que depois elles mesmos o augmentasse para bem mais.

ZaSu Pitts e Tom Gallery numa scena de um dos antigos Films da Robertson-Cole, nos tempos de muita esperança e felicidade.

Frances Marion, um dia em visita ao **set** onde ZaSu estava trabalhando, viu-a a representar. Ella reconheceu, num relance, que tinha diante de si uma creatura genial, mesmo. Seus olhos tragicos eram alguma cousa que merecia mais cuidado do que o commum. Arranjou-lhe, immediatamente, o papel de criadinha em **A PRINCEZINHA** com Mary Pickford. Foi tão grande e apreciado o contraste entre ella e Mary, que conservada foi por muitos outros **Films**, ao lado de Mary. E foi Mary que conseguiu que elevasse o salario de ZaSu para 75 **dollars** samanaes. Foi ainda Frances Marion que soube onde ella morava e lhe offereceu para mudar-se, pois aquelle bairro era indesejavel. E foi assim que até de residencia melhorou, afinal de contas.

Foi mais ou menos por essa epoca que a conheci. Assim que ella começou a ganhar bom dinheiro, remettia as maiores sommas para casa, afim de melhorar a sorte dos seus, os quaes ella jamais abandonou em qualquer phase de sua vida. Sempre conservava para si a menor importancia dos salarios, mandando todo o restante para a familia. Ganhando 65 **dollars**, antes ainda de trabalhar com Mary Pickford, mandava ella 55 para casa e ficava apenas com dez **dollarsr** semanaes para suas despezas. ZaSu sempre foi assim, cheia desse tremendo espirito, de sacrificio que é a sua maior couraça.

O maior erro da vida de ZaSu Pitts, sempre foi a sua generosidade sem comparação possivel. ZaSu tem sido quasi mãe de muita gente bôa, em Hollywood, onde tem sustentado e privado de fome a muitos que lhe cahem esfaimados á soleira da porta.

Seus papeis, nos Films de Mary, eram quasi todos patheticos. Era a pequena coitadinha que nada queria e nada pedia. ZaSu fazia-os admiravelmente bem, porque elles tinham qualquer cousa della mesma, cousa que a fazia soffrer authenticamente aquillo que representava. ZaSu e Mary fizeram-se muito bôas amigas desde então. Isso foi antes de Mary divorciar-se de Owen Moore. A mãe de Mary não tolerava que ella conversasse com muitas pessoas, prohibindo-a, mesmo, de tal. Mas ZaSu foi logo differente, pois nem a velha senhora Pickford deixou de sympathisar immenso com ZaSu, permittindo que ella fosse a confidente de sua filha.

ZaSu Pitts numa scena de "Marcha Nupcial."

Foi Mary que aconselhou ZaSu a acceitar um contracto que lhe offereceu Carlito. Mas o Film foi feito, Carlito, apesar de pagal-a bem não deu publicidade á uma só scena em que ella apparecêra e muitos chegaram a dizer que elle temia que ZaSu lhe roubasse o Film... De toda fórma o contracto terminou e apesar della não figurar, cahiu novamente no terreno do **free lencing**, a cousa mais negra na vida dos que habitam Hollywood.

Ella se sentia profundamente feliz, no emtanto, principalmente por conseguir fazer um largo circulo de bôas amisades. Já ganhava o

(Termina no fim do numero).

Dorothy Pepper é contractada para agir e, mais esperta do que Strong pensa, age, realmente, mas age em proveito proprio, denunciando por dinheiro todo o plano e arrumando Jerry Strong nas grades, com toda a publicidade escandalosa que logo se faz a respeito, principalmente por parte dos jornaes rivaes do O COMETA. Claire, é logico, resente-se cruelmente com o escandalo e tenta chamar a attenção de Strong para a sua situação diante daquillo tudo. Mas Strong, diante do adversario e diante da luta, cega. Ahi é que elle quer offerecer a luta, pois esta é justamente a parte mais interessante da sua especie de Jornalismo e, assim, não só não ouve as supplicas e rogos de Claire, como, ainda, totalmente sugado pelo seu trabalho de reacção á trahição de Dorothy Pepper e seus mandatarios, nem siquer attenção dá á molestia de seu filhinho, molestia essa que leva o garoto ao tumulo, com grande desespero de sua mãe e quasi indifferença do pae, cégo no seu trabalho de escandalos cobrindo escandalos...

Strong, para continuar em seus planos, induz Waddell a seguir para uma viagem transatlantica como representante do O COMETA nesse vôo de sensação. Claire oppõe-se. Waddell, no emtanto, que é correcto e quer evitar a dissolução da familia de Strong, acceita, mas acceita principalmente por saber que não resiste mais aos encantos de Claire, sabendo que dessa fórma fará a desgraça daquella familia.

Já em viagem, as edições do O COMETA vendendo-se como fogo a devorar um edificio de madeira, Waddell comprehende a razão princpal de Strong naquelle vôo. Elle faria, por intermedio de sequazes seus, com que o apparelho soffresse algum damno, no caminho e, com isso, conseguiria elle mais sensacionalismo para seu jornal. E embora disso notifique o mundo, Waddell e o companheiro cahem em pleno oceano, se bem que mais tarde salvos sejam.

No dia immediato, ao corrente de tudo, Claire diz francamente a Strong que não mais continuará em sua companhia e que o vae deixar em companhia de Mildred. Strong não tenta objecção alguma, tanto mais que elle proprio já reconhece seu profundo erro. Colloca, por debaixo da porta de Claire, emquanto ella se prepara, um cheque de 25.000 "dollars", justamente a somma do augmento só em venda avulsa, do dia anterior e o cheque está em nome de senhora Jerome Strong.

Se jornalista havia, amigo do sensacionalismo, por força chamar-se-ia elle Jerry Strong. Seu jornal, em Boston, era o mais lido e, ao mesmo tempo, o mais escandaloso e menos escrupuloso de todos elles. E' que Jerry gostava de tudo quanto fosse barulhento, escandaloso, berrante, pouco se incommodando com a moral de quem ficasse debaixo das torpezas bem escriptas e bem sophismadas de seus reporters. E bem por isso sempre tinha sido um vencedor, no jornalismo, se bem que houvesse começado com honestidade e apenas depois comprehendesse que o honesto invariavelmente não sahe nunca da mediocridade...

Aborrecido com o processo de Stella, uma assassina, cuja confissão importava em graves contrariedades para seus preceitos conservadores, Strong deixa o jornalismo, em Boston e resolve ir immediatamente para New York, onde, antes de mais nada, já tem a offerta do jornal O COMETA para ser cousa sua, se o quizer adquirir. Strong fecha o negocio e comsigo leva seu melhor e mais habil reporter, Waddell, apaixonado tambem de sua esposa Claire, que corresponde o rapaz nesse ardente affecto.

Em New York, assim que é posto em circulação sob a nova orientação de Jerry Strong, O COMETA começa a augmentar tremendamente de tiragem. O sensacionalismo entra a berrar pelas suas columnas, fiel reproductor dos sentimentos de seu director de pouco escrupulo. E logo, pelo cerebro de Strong a dentro, entram a funccionar as idéas mais esdruxulas deste mundo...

Strong immediatamente pensa em arranjar um concurso de belleza, cuja finalidade não só é immoral como deshonesta. Assim que elle planeja, executa e o plano toma logo vulto.

MERCADO de

(SCANDAL FOR SALE)
— FILM DA UNIVERSAL —

Charles Bickford .... *Jerry Strong*
Rose Hobart .... *Claire Strong*
Pat O'Brien .... *Waddell*
Claudia Dell .... *Dorothy Pepper*
J. Farrell Mac Donald .... *Treadway*
Harry Beresford .... *Brownie*
Burton Churchill .... *Bunnyweather*
Glenda Farrell .... *Stella*
Tully Marshall .... *Simpkins*
Director: — RUSSELL MACK

riage de Mademoiselle Beulemans", producção Reingold & Laffite.

— O director Marc Didier iniciou nos mesmos Studios a sonorização do Film "Riri et Nono amureux", cujas Filmagens terminaram ha pouco tempo.

— Para a realização de "Les trois mousquetaires", Diamant-Berger, o director, entregou a direcção geral da producção a Maurice Daniel que ha onde annos assumiu o mesmo cargo na versão muda. Os cuidados e o escrupulo na organização e preparação das montagens, guarda-roupa, etc. etc., tem sido rigorosamente observados.

— Jack Forrester, director da producção "Criminel!" continua affirmando que Harry Baur tem um desempenho formidavel na dita producção.

Mildred, inconsciente, encontra sobre a mesa um telegramma de Waddell e entrega-o a Strong. Jerry lê e ahi comprehende tudo. Nelle, Waddell confessa o amor que tem a Claire e pede a Strong, num grande desespero, que deixe o jornalismo covarde em que está mettido, para ser correcto e, principalmente, bom chefe de familia. O appello de Waddell cala profundamente no peito de Strong que, afinal, comprehende nitidamente o que de infamias e desgraças vinha fazendo em pról de uma causa até injusta.

Quando Claire vem, para delle se despedir, pela ultima vez, Strong

Escandalo

propõe que comprem um jornal que está á venda em Dayton e que para lá se mudem. Seu jornalismo será dahi para diante conservador e honesto. Claire ainda reluta. Na sua relutancia, no emtanto, ha a certeza, para elle, de que ella, apesar de tudo, ainda o ama. Immediatamente ordena que sigam as mobilias para Dayton e, depois disso, torna-se o honesto pae de familia que sempre devia ter sido, promettendo a Claire estar ella e a familia em primeiro logar e depois, então, o jornal.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

— Continuam em actividade as Filmagens da nova producção Vandal & Delac, sob a direcção de Julien Duvivier, intitulada "Poil de Carotte", na qual tomam parte os artistas: Catherine Fonteney, Robert Lynen, Max Fromiot, Suzanne Aubry e Christiane Dor.

— Tem sido unanimes os elogios feitos pelos criticos francezes aos artistas: Blanche Montel Armand Bernard, Madine Picard, Marcel Vallée e Henri Marchand, que formam o elenco de "L'enfent du miracle".

— Jean Choux terminou nos Studios Tobis, de Epinay, as Filmagens de "Ma-

A VIDA de

RICARDO CORTEZ nasceu ha trinta e dois annos passados, dia 7 de Julho de 1900. Chamava-se então Jacob Krantz, como já todos sabem. Sua infancia foi passada toda em New York, dividindo-se entre os collegios que cursou e as molecagens que fez, pelas ruas da vizinhança. Depois, quando já podia falar á mesa e ser ouvido, isto é depois de já moço, começou a gostar vivamente de operas, operetas, theatros e um gosto, diga-se, que ia além do normal. Deixou a escola cedo. Queria vencer, na vida e conseguir dinheiro e, bem por isso, fez com que as cousas caminhassem mais rapidas, para elle.

Seguiu-se uma vida difficil, cheia de muito trabalho e maus ordenados e, afinal, seu primeiro contracto de Cinema. Obteve um papel pequeno, num Film e para o mesmo devia comparecer no dia immediato ao Studio. Essa noite, no emtanto, seu pae morreu. Dois dias depois, perdia tambem uma irmã. Ricardo tornou-se, num momento, sem o pensar e cheio das mais dolorosas maguas, o chefe da familia. Foi-se o primeiro emprego que teve em Films e, com elle, aquelle pequeno papel que seria seu inicio na vida artistica que pretendia levar. E Ric, passou a acceitar qualquer especie de trabalho que lhe dessem, comtanto que conseguisse o dinheiro para sustentar a familia que agora era integralmente sua. Poz-se a trabalhar no commercio, em Wall Street. Conseguiu alguns papeis curtos, em peças de theatro, para biscatear á noite. Um dia, indo entregar uma apolice de seguros a Manuel Goldstein, elemento naquelle tempo em evidencia, na Universal, soube, por intermedio delle, numa conversa rapida que com o mesmo teve, que a Universal estava precisando de um galã para ser primeira figura masculina em NO REDOMOINHO DA VIDA, que Von Stroheim ia começar nos proximos dias. Ric propoz Norman Kerry, que elle conhecia e do qual era amigo e propoz-se, mais ainda, a ir procural-o, estivesse onde estivesse. Acceitaram sua offerta. Propuzeram-lhe uma commissão se elle encontrasse Norman e o conduzisse a Hollywood, pondo-o dentro do Studio. E' mais do que logico que elle acceitou ansiosamente essa sua primeira realmente grande opportunidade.

O rumor das rodas do trem que conduzia Ric e Norman Kerry, para Hollywood, parecia a Ric ter qualquer cousa de uma canção de successo que elle esperava, confiante. Era a primeira vez que elle se ausentava de New York e se ausentava por mais de trinta minutos de viagem em estrada de ferro... Tudo para elle era divertido, excitante. Seria aquella sua ida a Hollywood o abre-te sésamo para a fortuna e a victoria, na arte que queria abraçar? Tudo estava diante delle. Era só temperar e cozinhar...

Sete annos mais tarde, no elenco de uma companhia de *vaudeville* que se dirigia de Hollywood a New York, esse mesmo Ricardo Cortez pensava muito a sério num suicidio. Sua boa fortuna e seu successo tinham positivamente desapparecido. Em Hollywood elle tinha encontrado tudo e, depois, o negro nada, tambem... Tinha sido, a Cidade do Cinema, a mais negra das experiencias da vida daquelle moço abatido, moralmente...

Norman Kerry e Ric da estação foram para o Hotel Beverly Hills, onde, á custa da Universal, puzeram-se logo em campo para conseguir aquillo que ambos almejavam. Tudo que havia no Studio, tão differente a seus olhos, era para Ric um deslumbramento. Assim que trocaram de roupas e se dirigiram de novo á Universal, tinham a certeza de que ali mesmo iniciariam vida totalmente nova, absolutamente differente e cheia de exitos. Foram apresentados e postos nas presenças de Eric Von Stroheim e Irving Thalberg. Irving, naquella epoca, era chefe geral da producção Universal. Von Stroheim levou Norman ao almoxarifado de roupas e Ric ficou a sós com Irving Thalberg, trocando opiniões.

Ric pensou que entregando Norman ao Studio, recebendo os 300 "dollars" promettidos e ainda por cima tendo tido uma viagem gratuita, nada mais ali tinha a fazer, pois sua missão estava finda. Mas elle sabia, perfeitamente, melhor do que ninguem, que não queria absolutamente voltar a New York. Disse, pois, a Irving, com a sua habitual franqueza, que era sua intenção continuar na California. Pediu, ao joven productor, seus sabios conselhos. Não pediu um emprego, é preciso notar. Pediu conselhos. Jamais, pelo genio e pelo caracter, pediu elle um favor ou um emprego a um amigo ou a um conhecido.

Certamente comprehendeu Thalberg, perfeitamente, o anseio todo que havia atraz daquella mascara apparentemente impassivel. Thalberg sempre foi bastante psychologo e perspicaz... Disse-lhe:

— Ha o papel de "villão" num dos proximos Films de Hoot Gibson. Não é grande cousa, mas são 125 "dollars" por semana. Interessa-se por isso?

Interessado? Mas é logico! Mas só deu credito á sua boa "estrella", apenas depois de ver sua sombra projectada na téla de exhibição da sala do Studio e recebidos, pontualmente, não os 125 promettidos, mas, sim, 175 e... graças a Irving Thalberg, que já tinha comprehendido que naquelle individuo estava a alma de um verdadeiro artista.

Depois dessa primeira semana no Hotel Beverly Hills, Ric comprehendeu, claramente, que não mais podia continuar num local tão dispendioso. Ouviu elle falar no Hotel Christie, no Hollywood Boulevard e soube, além disso, que era para lá que iam aquelles que queriam ser "vistos" para poderem triumphar, no Cinema. Mudou-se elle, então, para um quarto de 30 "dollars" semanaes, lá. Já se tinham passado duas semanas depois do seu trabalho no Film de Hoot Gibson já exhibido e nada de apparecer outros opportunidades. Ric passou a ser visita diaria de todos os departamentos de elencos de Hollywood e era, já sem muita esperança, que ouvia sempre a mesma cousa: — "Não ha nada" e "não ha nada" e "não ha nada"...

Nas cartas que escrevia á sua mãe, no emtanto, jamais deixou transparecer seu aborrecimento. Dizia-lhe sempre que recebia muitas propostas e affirmava que todos em Hollywood ansiavam por tel-o em seus elencos. Pelas cartas, o triumpho era completo.

No hotel, fez elle algumas amizades e alguns conhecimentos de valor com pessoas como William K. Howard, um director que então ganhava sua evidencia e que, naquella epoca, ainda era assistente. Shirley Mason, foi outro conhecimento seu e ella, nessa epoca, era "estrella". Jack White, director de comedias. Ric, no emtanto, achava-se numa posição toda especial: — queria trabalho, qualquer especie de trabalho. Faria mesmo *doubles* ou serviria para uma comedia de pastelão. Sua apparencia severa e bem tratada e o orgulho e a dignidade da sua pessoa, no emtanto, não lhe permittiam absolutamente a hypothese de uma proposta, por parte de um amigo, ou mesmo uma suggestão. Certa vez Jack White perguntou-lhe:

— Conhece você alguem, seu amigo, que queira levar uns tombos, numa comedia, por 50 "dollars" diarios?

— Sim, conheço... Eu! Serve?

— Ora deixe disso e não faça troça, Ric.

Foi a resposta que Jack deu ao seu quasi faminto alvitre... O orgulho delle era grande e não lhe permittia contar claramente qual a sua situação. Ric sentiu, semanas depois, que caminhava para o lado opposto de tudo quanto desejára ali conseguir. Para passar o tempo elle costumava diariamente tomar o omnibus para a praia e lá ficava pensando na vida e cogitando da maneira pela qual elle se livraria daquillo tudo, já que suas illusões estavam totalmente mortas. Além disso, por ali, sempre ficaria elle no caminho dos directores e dos assistentes que, de volta dos Studios, olhariam provavelmente para elle e possivelmente notal-o-hiam para qualquer cousa. Era uma possibilidade a mais, afinal de contas.

Uma manhã, disse-lhe um artista moço seu conhecido, que havia trabalho para "extras" no Studio da Goldwyn, para um Film de Mae Murray. Robert Z. Leonard, então ainda marido de Mae, dirigia o Film. Em New York, Ric já tinha sido "extra" algumas vezes para Leonard e seus espectaculos, mas jamais pensou elle que Leonard se recordasse de seu rosto. "Você póde ser o parceiro de Mae na scena do tango, Ricardo. Apresse-se e arranje a roupa precisa." Disse-lhe Leonard. Ric sentiu um choque. Onde arranjar ele a roupa? Não a tinha e, é logico, perderia na certa aquella opportunidade. Desesperou. Emquanto tinha tempo para disfarçar a situação, já que não tivera coragem de ser absolutamente franco com Leonard, ficou andando por ali, desgostoso.

— Tem a roupa?

Perguntou o rapaz que o avisára pela manhã.

— Não.

Foi tudo quanto Ric respondeu.

— Meu nome é William Haines. Trabalho neste Studio, mas o pessoal está me apresentando em papeis pequenos, é logico, para depois entregarem-me maiores e melhores. Além disso, talvez eu lhe possa ser util. Tenho, no meu camarim, varios ternos e roupa de "soirée". E' possivel que alguma lhe sirva. Venha commigo.

Ric acompanhou o rapaz que se apresentára como William Haines e que elle apenas então conhecia. A roupa serviu a Ric como se tivesse sido feita para elle. Quando quiz agradecer ao rapaz, ouviu deste a phrase risonha e camarada.

— Esqueça-se disso! Estamos no mesmo barco e se não nos ajudar-os, jamais chegaremos ao outro lado da travessia...

RICARDO CORTEZ

A vez seguinte em que se encontraram, Ric era o "rival de Valentino" e Haines, no Studio da Metro, o legitimo segundo posto masculino, logo depois de John Gilbert.

Melhorou a situação financeira de Ric. Alargou-se mais, tambem, o canal das suas possibilidades artisticas. Quando voltou dessa Filmagem, no emtanto, vinha mais desanimado do que nunca, principalmente por pensar no que seria a nova luta que precisaria sustentar para conseguir novo papel igual aquelle pequenino que Leonard lhe dera...

Uma tarde, no boulevard, Ric resolveu falar a Herbert Somborn, que era dado como noivo de Gloria Swanson, naquella epoca e que Ric conhecera em New York.

— Jack Warner anda á procura de um typo latino, Ric. Procure-o que é possivel conseguir o logar.

Foi o que lhe informou Somborn. Chegaram elles muito tarde, no emtanto, porque tres dias antes o tal papel já tinha sido entregue a Don Alvarado...

— Você ainda se vae arrepender, Jack... Ainda ouvirá falar nelle, algum dia...

Jack sorriu, meio incredulo e assim terminiu mais esta phase da luta.

Antes de se separarem, Somborn deu a Ric uma carta dirigida a Lasky, do qual era amigo velho. Ric tinha a intima certeza de fracassar mais uma vez. Nada que fazia dava certo e não podia esperar daquella nova *chance* a verdadeira victoria, portanto. Não se apresentou a Lasky tão depressa quanto era de esperar e, para distrahir-se, convidou, uma noite, uma pequena boa dansarina para ir divertir-se com elle no Cocoanut Grove, talvez pela ultima vez. Lá, para esquecer os aborrecimentos, poz-se a dansar e venceu um trophéo como melhor bailarino da noite. Lasky, que casualmente ali estava em companhia da esposa e de uma rodinha de amigos, entre os quaes Pola Negri, mandou chamar o "moreno que vencera o concurso" para falar comsigo.

— Já pensou em entrar para o Cinema?

Perguntou-lhe. Ric respondeu, tremulo de emoção, com a cabeça e nem siquer teve coragem de contar suas aventuras e a razão de ter elle vencido aquelle concurso... Lasky atalhou, terminando o encontro daquella noite.

— Com este cartão apresente-se amanhã, ás onze, em meu escriptorio.

Até hoje Ric não sabe explicar o porque da sorte tão caprichosa que fazia conseguir elle uma cousa tão ambicionada e justamente no momento em que menos contava com ella.

Rudolph Valentino, nessa epoca, andava em difficuldades financeiras sérias e, além disso, brigas com a esposa e; por causa desta, parado em seus Films e nada fazendo por questões de brigas com a fabrica productora. Tinham elles deixado Hollywood para New York, sem dar nenhuma satisfação e a Paramount, por sua vez, fazia pé firme e prendia-o ao seu contracto sem permittir que elle trabalhasse, o que o prejudicava seriamente, porque apenas começava a ser a figura mundialmente celebre que se tornou e é até hoje. O que era importante para a Paramount, no emtanto, era arranjar um rapaz de typo latino que fizesse sombra a Valentino, custasse o que custasse e, foi por isso que Ric teve a sua grande *chance*, na vida.

Diga-se, no emtanto, que, quando assignou elle com a Paramount, por intermedio de Lasky, aquelle contracto que lhe daria 150 "dollars" semanaes, não sabia de nada desse negocio que havia com Valentino e nem de nada que planejavam já para elle. Nem siquer um "test" lhe pediram. Mas nada achou elle de anormal, naquillo, principalmente naquella situação em que se achava, de quasi desespero. O que elle achou, isso sim, era que Lasky não andava regulando bem e que nem seria capaz de explicar aquella mudança de sorte tão brusca e tão inexplicavel...

Um dia, no emtanto, Lasky resolveu explicar-lhe a verdadeira situação do Studio.

— Estamos querendo ver se lançamos um novo Valentino. E' provavel que os "fans" e os criticos achem que não está certo e que não é possivel. O que sei, apenas, é que você anseia pela opportunidade e ella aqui está. E' possivel que você leve muitos annos para conseguir ser isso que nós queremos, mas o facto é que o que quero, presentemente, é que você faça o possivel para ser exactamente isso.

Não é preciso dizer que Ric acceitou o contracto, se bem que, intimamente, nem de longe pensasse em apreciar uma tal situação de "substituto", o que, antes de mais nada, achava supinamente ridiculo. Dias depois, passava elle de Jack Crane, com o qual chegou a Hollywood, a Ricardo Cortez, nome latino e indicado como o mais provavel reforçador efficiente da theoria de Lasky.

O departamento de publicidade começou logo a fazer festas ao novo "hespanhol" de New York... Intimamente, quem mais ria com o negocio era elle mesmo...

Dos amigos, no emtanto, é que elle começou logo a receber as investidas. Todos diziam que o conheciam, que elle não era hespanhol, que elle não se chamava Ricardo Cortez e, sim, Jack Crane ou Jacob Krantz e mais uma serie semelhante de patifarias em torno do bom nome que elle foi inegavelmente fazendo. Depois, pouco depois, imprimiu-se, mesmo, uma historia, pela qual davam-no como mystificador e canalha, pois forçára, com ardil, Lasky a assignar um contracto com elle, quando Lasky nem siquer o queria ver em sua presença... E Ric soffrendo isso tudo com a mais piedosa das paciencias, com a mais absoluta das calmas.

Passaram-se alguns mezes e nada delle ser siquer indicado para o elenco de um Film. Mas preoccupou-se elle com a situação e percebeu que as cousas estavam peorando e que tudo quanto se escrevia delle estava sendo acceito formalmente por todo mundo como verdades...

Tratou elle, emquanto isso, de fazer amizades entre os rapazes que estavam, como elle, tentando a sorte no Cinema. Entre estes, Richard Van Mattimore (Richard Arlen), Charles Farrell, George O' Brien e Bill Boyd. Costumavam almoçar, juntos e não se deixavam. Boa camaradagem fez-se entre todos.

George O'Brien, de todos esses, foi o que mais amigo ficou de Ric e amigo de facto. A primeira cousa que lhe disse, no emtanto, é que a primeira vista elle dava a impressão de ser um convencido insupportavel... Pensavam, mais, que elle pretendesse mesmo fingir ser latino, fóra da téla, arrenegando sua propria Patria. Mentiras e más idéas, umas sobre as outras.

Seu primeiro papel, na companhia, foi como "villão" de um Film de Walter Hiers. Tudo correu muito bem, mas apenas dois mezes depois é que elle foi apontado para figurar em OS MEUS TRES ADORADORES. O Film de Walter Hiers chamava-se DINHEIRO E MATRIMONIO, segundo parece. Mas a Paramount, sem que Ric disso soubesse, estava accertando suas differenças com Valentino e, dessa fórma, interesse algum tinham em formar outro "latino", já que tornavam a ter o mais celebre delles, de novo.

Excepção feita de George O'Brien, Ric nunca teve amigo algum intimo. Elle e George costumavam sahir sempre em companhia de pequenas, indo a bailes e cabarets. Costumavam sempre ir á um Club onde, certa vez, Bebe Daniels e Harold Lloyd ainda ahi tidos como noivos, venceram um concurso de dansa.

Com Ric, certa vez, aconteceu algo deploravel e curioso ao mesmo tempo.

(Continúa no fim do numero).

Ricardo em alguns dos seus Films mais conhecidos

Cinema de Amadores

(De SERGIO BARRETTO FILHO)

VOCABULARIO CINEMATOGRAPHICO

P

Projector Automatico — O projector que trabalha sob a acção de um motor electrico, e não é movimentado por uma simples manivella, girada pelo operador.

Profundidade — Pseudo effeito estereoscopico. Aprofundidade significa tambem o limite dentro do qual os objectos se acham em fóco, n'uma copia cinematographica.

Pesos Inglezes — O antiquado systema de pesos ainda hoje empregado na Inglaterra para as formulas chimicas de todo o genero, e que nem sempre é semelhante ao systema usado nos Estados Unidos. Consulte-se uma boa arithmetica antes de verter as formulas inglezas para o Systema Metrico.

Primeiro plano — A parte de uma photographia ou de um quadro Cinematographico, que apresenta os objectos mais proximos da camara.

Phantasma — Uma apparição phantasmagorica, em um Film, produzida com o auxilio de uma dupla exposição.

Panoramizar — Girar a camara horizontalmente sobre o tripé, afim de apanhar vistas panoramicas.

Panchromatico — Sensivel a todas as côres.

Paramidophenol — Agente revelador organico, da série dos phenóes.

Pathé — Nome de uma firma franceza, fabricante das camaras, projectores e Films Pathex.

Perkins — Nome de um fabricante de arcos voltaicos para amadores.

Persistencia da Visão — A faculdade, propria da visão, que dá ao homem a impressão da imagem persistir, durante um curto espaço de tempo, mesmo depois della ter desapparecido.

Perspectiva — A propriedade de uma imagem ou de uma photographia que dá a illusão da distancia.

Persulphato de Potassio — Composto chimico inorganico, reductor do contraste e da densidade, ao mesmo tempo.

Photometro — Todo instrumento destinado a medir a intensidade da luz ou o tempo necessario a uma boa exposição.

Photodrama — Um drama em forma de Film cinematographico.

Principaes — Os personagens principaes de um photodrama.

Positivo — O Film prompto para ser usado na projecção.

Prima — Objecto de crystal, proprio para desviar os raios de luz, e cuja secção apresenta a forma triangular.

Pintura Probus — Tinta resistente a todos os acidos e a todos os alkalis, muito usada nos laboratorios photo e Cinematographicos, para se pintarem os tanques e as banheiras expostos á acção dos compostos reveladores.

Projector — A machina que exhibe os Films sobre a tela.

Props — Abreviatura da palavra ingleza "properties". Significa todo e qualquer objecto mostrado num palco Cinematographico. Em regra geral, designa tambem a imitação de uma baixella de prata, de uma joia, de uma taça de ouro, porque as imitações, no Cinema, ás vezes fazem melhor figura do que as coisas de verdade, quasi sempre caras e inuteis.

Property Plot — A lista dos "props", ou artigos e objectos, necessarios á producção de um photodrama.

Pyro — Abreviatura de Acido Pyrogallico, agente revelador.

Prensa — A machina que colla os Films Cinematographicos, de uma maneira rapida e segura.

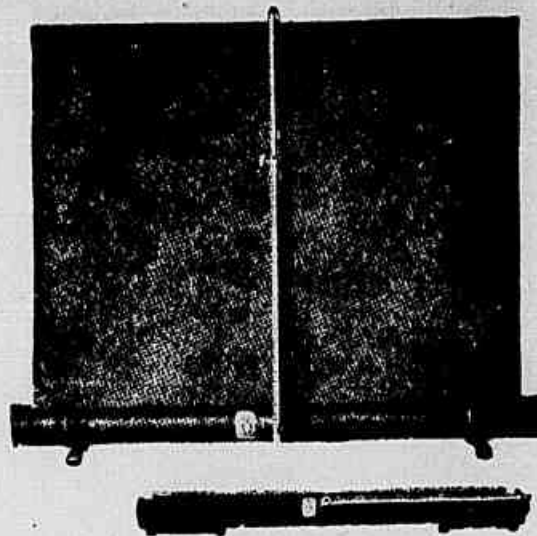
Parasol — O parasol de largas dimensões, usado para evitar que os raios da luz solar incidam directamente sobre os lentes da camara.

Q

Quarto Escuro — O quarto onde são revelados os Films Cinematographicos. Fica inteiramente no escuro, só sendo permittidos os raios da luz vermelha.

Quadro — O accessorio de madeira ou metal, em que se enrola o Film a ser revelado nos tanques.

R

Raios Chimicos — Raios luminosos com propriedades activicas sobre a emulsão photographica.

A tela opaca "Da-lite", superficie de vidro, para cima da mesa, aberta e fechada.

Revelar — Tornar visivel a imagem photographica que se acha em estado latente.

Revelador — A solução empregada para se revelar o Film.

Reduzir — Tornar menos denso o contraste de uma imagem photographica.

Reductor — A solução empregada para se reduzir uma imagem photographica que se acabou de revelar. Os reductores são compostos em que, quasi sempre, entra o Ferrocyanureo de Potassio.

Raspa — Separar a emulsão da sua base, com a ponta de uma tesoura, para collar o Film na prensa.

Raios Infra Vermelhos — Os raios invisiveis, irradiantes de calor, e que se achavam na parte mais baixa do espectro.

Revelação Automatica — Revelação de um Film Cinematographico, com o auxilio de machinas automaticas.

Rebatedor — Superficie, reflectora de luz, usada para illuminar as partes sombrias das pessoas e das coisas que estão sendo photographadas.

Refracção — O desvio dos raios de luz na sua rota atravez do Espaço, quando encontram uma substancia transparente. Os raios de luz ou são refractados, ou são reflectidos, ou são absorvidos no seu percurso, por um corpo, ou então são refractados, reflectidos e absorvidos ao mesmo tempo, advindo desse facto as suas propriedades de côr e visibilidade, em maior intensidade, conforme são maiores ou menores os indices de refracção, de reflexão e de absorpção desse corpo, no Espaço.

Registrar — Indicar qualquer emoção, simulando sentil-a. Um actor "registra" o seu odio em uma scena.

Refilmar — Apanhar novamente uma scena Cinematographica, devido a qualquer defeito notado ou encontrado na primeira Filmagem.

Retroceder — Reverter a uma acção anterior. Essa acção póde ter sido, ou não, apresentada previamente ao publico. Supponhamos que um actor faz uma confissão ou diz qualquer coisa a uma mulher. O Film apresenta o actor fazendo a confissão, depois um "close up" da mulher escutando-o, e por fim, retrocede á scena anterior.

Rhodol — Composto chimico usado como revelador.

Referencia da Scena — Memorandum photographado sobre tres ou quatro quadros do Film, com o fim de se indentificar a scena posteriormente, após a revelação.

Rolo — O mesmo que carretel ou bobina. Um carretel de metal onde se enrolam centenas de pés ou metros de Film, conforme o typo do carretel e o do Film usado.

Raios Ultra-Violeta — Os raios invisiveis que se acham na parte mais alta do espectro. A sua acção activica sobre as emulsões sensiveis é extremamente forte.

S

Synopse — A historia ou o enredo de um scenario, contados abreviadamente em algumas centenas de palavras.

Supporte — Todo accessorio construido para sustentar a camara, e que não se assemelha a um tripé. Ha supportes para automovel, etc.

Sahida — O instante em que um actor desapparece de uma scena.

Systhema F — O methodo de calibrar os diaphragmas das lentes, em relação com a distancia focal.

Supporte Micrometrico — O supporte de uma lente que traz uma virola micrometrica, cuja focalização é de uma precisão extrema.

Scenario — Descripção de um photodrama em que se indicam todas as scenas, todas as acções, todos os titulos, todos os sub-titulos, e todas inserções.

Scena — A acção, desenvolvida no curso de um photodrama, que é Filmada sem se parar, a camara.

Script — Termo inglez, abreviatura de "manuscript".

Sequencia — Série de incidentes que se dão durante o curso de um photodrama, e que apresentam alguma ligação entre si.

A téla "Da-lite" opaca, superficie de vidro, com tripé.

Silhuetta — Uma scena em que só se vêem as linhas delineadoras dos actores, em regra geral, contra o céo ou contra um fundo brilhante.

Situação — A teia dos acontecimentos que se desenvolvem no curso de um photodrama.

Spot — Abreviatura da palavra ingleza "spotlight" que significa um apparelho construido para projectar manchas concentradas de luz.

Still — Termo inglez. Em traducção ao pé da letra significa "parado". Em traducção livre significa "uma photographia ordinaria". Diz-se "still" para se differenciar da photographia animada ou Film Cinematographico.

Stinemann — Systhema de revelação que utiliza um pequeno laboratorio portatil, e que leva o nome do seu inventor. Quadros Stinemann, tanques Stinemann, copiadeira Stinemann.

Stock — O Film virgem, seja positivo, negativo ou de inversão.

Studio — O logar onde são produzidos os Films Cinematographicos.

Supers — O mesmo que extras.

Super-velocidade — Velocidade empregada para se Filmar qualquer coisa, e que é varias vezes superior á velocidade normal. Tambem denominada "velocidade retardada" porque o Film, quando projectado á velocidade normal, parece mostrar as coisas movimentando-se a uma velocidade muito lenta.

Systhema Tanque — Methodo de revelação automatico, em que se faz imergir o Film dentro de um tanque, calculando-se previamente o tempo de duração do banho e a temperatura da solução reveladora.

Super-exposição — Caso em que se deixa passar demasiada luz atravez do obturador, provocando um negativo demasiado contrastado e por conseguinte deffeituoso.

T

Titulos Artisticos — Titulos Cinematographicos com desenhos artisticos formando o fundo das letras.

Téla Extraluminosa — Uma téla Cinematographica cuja superficie é feita com vidro pulverisado espalhado sobre o tecido de algodão.

Titulador — Apparelho construido para Filmar os titulos de um Film Cinematographico. Usado tambem para "close-up" de pequenos objectos, e para desenhos animados ou trabalhos semelhantes.

Téla á Luz do Dia — A téla empregada para as projecções á luz do dia, sem o auxilio da escuridão. As télas á luz do dia podem ser translucidas, de vidro, ou opacas, metalizadas, protegidas por um quebra-luz, tal como a Kodak OO.

Titulos decorativos — O mesmo que Titulos Artisticos.

Titulos descriptivos — Titulos usados para se descrever qualquer coisa durante a acção, ou para cobrir um pequeno lapso de tempo.

Tochas de Magnesio — Fogos de artificio, semelhantes a fogos de bengala, que dão uma luz muito branca e muito brilhante, usadas para a illuminação de interiores representando cavernas á noite.

Titulo Principal — O nome do photodrama ou do Film que vae ser apresentado.

Téla — A superficie, opaca ou transparente, sobre a qual se faz a projecção.

Tambores de Seccagem — Tambores feitos de varas de madeiras, sôbre os quaes se enrola o Film, em espiral, para ser seccado.

(*Termina no fim do numero*)

Sidney Fox
Ingenua que
foi morar
na Rue
Morgue...

Allene Carroll
(CINEARTE)

ROZANE — (Rio) — Viu o seu retrato, ao lado do Gonzaga?... Gostei muito de toda a sua carta, eis por que não respondi "numeradamente." Escreva-lhe, pedindo retrato que naturalmente elle enviará. Pode escrever em brasileiro mesmo, gryphando a palavra "photograph" e não se esqueça de falar nos seus Films, principalmente "Frankenstein" e "The Old Dark House", lembrando "Scarface"... E enderece para Universal City, California. Rozane... lembra-se de um Film de Ethel Clayton em que ella era "Rozane"...?

ELY WILSON — (Juiz de Fóra) — Deve ter existido algum motivo, que eu não posso saber qual foi... A Phebo ainda existe, sim. Ha pouco tempo demos até uma noticia sobre a ultima assembléa. Não posso fornecer endereços particulares... Escreva para Cinédia-Studio, Rua Abilio, 26 — Rio — que ella receberá a carta. Conforme. Ha muitos typos de machinas. Das profissionaes, por esse preço, não creio que existam.

RIAN PAGE — (Rio) — Só se fôr correspondencia para algum brasileiro ou portuguez. Ou mesmo pedido de photographia, que pode ser no nosso idioma, porém gryphado a palavra "photograph."

SONIA PEREIRA — (Recife) — Gosto das suas cartinhas, "Sonia." E acredito que sejam mesmo "uma palestha sincera e amiga"... como você diz. E particularmente, porque você comprehende o nosso Cinema ainda tão incomprehendido por muita gente. O Gilberto vae apreciar a sua carta e nos promette para breve, entrevistas magnificas...! Elle ainda não começou... "Onde a terra acaba", vae ser um successo. Já vi seis partes promptas, por gentileza de Carmen Santos e sahi satisfeitissimo... Aliás, a Cinédia projecta cousas formidaveis para 1933... Será o triumpho definitivo do Cinema Brasileiro. Quanto ao que diz sobre os pedidos de photographias, em breve, os **fans** não mais se queixarão. E acredite em que os nossos artistas apreciam muito as cartas dos **fans**! Roulien virá breve ao Rio, de avião. Até a proxima, "Sonia."

MATA HARI NOVARRO — (Maceió) — Ella deixou o Cinema. Celso é o galã de "Onde a terra acaba", cuja Filmagem está sendo activada e aproximase do fim, mas ha muito tempo que não o vejo. A letra de "Deliciosa" é impossivel, porque eu não sei e terei que procurar, não me sobrando tempo para isso. Peça a qualquer casa de musica. Obrigado pelas palavras do fim de sua carta e volte breve" Mata Hari." Eu não sou o Lionel Barrymore nem o Monsieur Dubois...

NORMA GARBO — (Rio) — Lily: — Paramount-Studios, 5451. Marathon Street, Hollywood, California. Fala portuguez, sim. Já a tinha perdoado e a carta está no archivo, por isso não posso devolver. Gostei muito de tudo o que escreveu agora, principalmente por saber que lê todas as paginas de "Cinearte." Até logo, "Norma."

HUMBERTO CALIXTO — (Parahyba do Sul) — Clara Bow: Fox-Studios, Western Avenue, Hollywood, California. Continúe enthusiasmado com o nosso Cinema, "Humberto." Para o anno, teremos cousas admiraveis...

VICTOR LENI — (Queluz) — Na secção "Cinema de Amadores" tem sahido todas essas informações que você deseja e, por exemplo, já sahiu uma descripção detalhada da "camera" Bell & Howell... Procure na collecção. Quanto ao ultimo ponto, é mais difficil, mas talvez você possa visitar.

CARIJÓ — (Rio) — Tem razão, mas elles não fazem esses Films especialmente para o mercado brasileiro...

EDELWEIS — (Porto Alegre) — Mas parece que o Film sahirá e chama-se agora "Peccado da vaidade"... Calma "Edelweis", porque o Cinema Brasileiro agora é que vae começar, verdadeiramente e eu sei que você mudará de opinião... Não sei noticias daquella amiguinha. Até logo!

DELMAS, DOROTHY e DOLORES VALCOURT — (Curityba) — O que eu posso aconselhar é que enviem as suas photographias para a Cinédia — Rua Abilio, 26 — e aguardem serem necessitadas. Tenham fé e constancia porque de elementos assim enthusiasmados e bons é que o Cinema Brasileiro precisa. E elle ainda não começou, verdadeiramente... Vir ao Rio, contando victoria certa lhes trará uma desillusão. Será mesmo uma loucura! Todos podem ser artistas, a questão é opportunidade Déa Selva sempre teve o mesmo desejo que as amiguinhas têm e o seu "dia" chegou sem ser preciso ella esforçar-se para isso...

MARINA — (Rio) — Em "State Fair" da Fox, figuram Sally Eilers, Robert Montgomery, Phillips Holmes e Spencer Tracy, além de Janet Gaynor e Will Rogers. Um bom elenco, não é? E Montgomery, como se vê, não foi muito feliz como astro da Metro Goldwyn...

Dickie Moore e Tallulah Bankhead são do sorvete de casquinha...

Noel Francis cahiu da bicycleta. Mas já accudiu um cavalheiro: John Holliday.

Pergunte-me outra...

KISS — (Maceió) — Sim. Faltou, principalmente "treno"... mas eu só respondo Cinema. Breve "Onde a terra acaba" e "Ganga bruta" correrão todo o Brasil e você poderá vel-os. O Gilberto não tem tempo para o que deseja, "Kiss." O seu endereço é "a/c." desta redacção, rua Sachet, 34.

DR. PAULO DE TARSO — (Parahyba do Sul) — 1.º — Sim. — 2.º — Está afastado do Cinema, depois de ter feito um Film falado. 3.º — Não sei. 4.º — Casada com um millionario. Porque foi lembrar-se de Elsie...? Tambem fui "fan" seu e não perdia aquelles Films admiraveis como "Avalanche", "Fidalgos ciganos", "Mentira", etc...

MISS DELICIOUS — (Rio) — Marian Marsh não casou com elle não... Não sei a idade della. Johnny é um bom "Tarzan"... Quanto a Nils, elle tem feito muitos "villões"... Todos elles notaveis, aliás. "X-33" era melhor do que "Mata Hari"... Até logo, "Deliciosa."

VIOLETA CHRISTINO — (Natal) — Nils: M. G. M.-Studios, Culver City, California; Clara: Fox-Studios, Western Avenue, Hollywood, California; Madge: egual ao de Nils; John: Universal City, California.

OPERADOR

Nos Studios de Moscou e Leningrad será Filmada este verão a maior pellicula até hoje Filmada... Terá nada menos de 10 partes com um total de 25 mil metros de extensão! E tudo isso para fazer um Film educativo muito curioso porque ensinará a dirigir um automovel...

—:—

A Fox adquiriu da Pathé-Nathan os direitos para Filmar em versão ingleza "Le Croix de Bois", que o Rio assistiu ha pouco, num espectaculo de caridade.

—:—

O Cinema tem entrado victoriosamente em toda a parte, mas até ha pouco ainda era olhado com restricções pelo Vaticano, muito embora já existisse o Instituto Lucce, na cidade do Papa, mas que não vêm ao caso, porque só Filmava pelliculas naturaes.

Pois agora o Vaticano está interessado em possuir tambem a sua industria Cinematographica! Esta é a noticia mais sensacional destes ultimos tempos. O Papa está disposto a installar um studio no Vaticano, para a Filmagem não sómente de assumptos religiosos, mas tambem outros Films com themas sociaes. Para isso já se encontram tres emissarios seus em Hollywood, em estudos da technica Cinematographica e que pretendem ser os primeiros directores da futura producção romana.

Sabe-se que Sua Santidade Filmará a vida e milagres dos 14.542 santos da Igreja Catholica e depois se dedicará a confecção de Films communs, explorando os themas usuaes dos Films que vemos todos os dias...

Se assim acontecer, está salva a moral Cinematographica.

Com o Cinema ninguem póde, esta é a verdade...

—:—

Richard Weisbach e Marguerite Viel começaram nos studios Gaumont, a Filmagem de "Occupe-toi d'Amélie", tirado do conhecido vaudeville de Georges Feydeau. A linda comediante Renée Bartout fará sua extréa no Cinema, nesta producção. Trabalharão a seu lado ainda os artistas: Jean Weber, Aimé Clarion, Yvonne Hébert, Dever, Donnio, Yvonne Yma e Dandy. A musica é de Cuvellier. Esta é a primeira producção da Societé As Film.

—:—

"Mater Dolorosa" vae ser produzida pela Arci Film. Lise Moro, Jean Galland, Samson Fainsilber, Gaston Dubosc e a menina Gaby Triquet, representarão os papeis mais salientes. Director artistico — Jean Goudray; Chefe dos Operadores — Roger Hubert.

SCENA:
— O *set* de STRANGE INTERLUDE, no Studio da M.G.M. ás 15 horas de uma ardente tarde de verão. Ha vozes de todos os matizes falando num desespero de som, por todos os cantos. Luzes. Montagens. Technicos. Ha, bem defronte á scena em que nos encontramos, uma mesa de *toilette* de uma côr azul pallida muito bonita. Diante della, sentada está uma lindissima mulher, trajando um *desabillée* vermelho berrante. Ao som de nossos passos, de meu acompanhador e meu, volta-se. Reconheço nella a majestosa e fascinante pessoa de Norma Shearer.

REPORTER: — (Pensando) — (Convém explicar aqui, antes de mais nada, que esta entrevista é escripta, mais ou menos, na fórma da peça de O'Neil que originou o Film STRANGE INTERLUDE, no qual as personagens dizem o que pensam, apenas com as vozes da consciencia e, depois, dizem aquillo que a conveniencia e a sociedade admittem e pedem que sejam ditas...) — Norma Shearer é exquisita. Ainda mais bella do que no Cinema. Mais suave, mais admiravel ainda, se bem que mais morta do que sob a agitação de uma scena. E que brancos são os seus perfeitissimos dentes! Seus cabellos... que maravilha de cabellos macios e perfumados. Se eu os pudesse tocar, pudesse beijal-os, pudesse... (Falando) — Como está, *miss* Shearer? Não se lembra de mim?

NORMA SHEARER: — (Falando) — Certamente que me lembro. Não quererá fazer-me o favor de acceitar uma cadeira? Sente-se, sim? (Pensando) — Quem diabo será este typo? Encontrei-o, é certo... mas... Quem é elle? E seu nome? Naturalmente mais um desses "perobas" que por ahi transitam apoquentando a paciencia da gente...

REPORTER: — (Falando) — Agradecido. Antes de mais nada, por favor desculpe-me apparecer assim quasi sem ser avisado, justamente num instante em que está em pleno trabalho. (Pensando) — Occupada... Mas será isso por ventura uma occupação? Quero ver se arranco algum escandalo disto tudo que estou observando... Ainda hoje á noite tenho gente para New York e poderei, talvez, mandar alguma cousa sensacional... E que pelle tem essa criatura! Se eu pudesse tocal-a com meus labios, sorvel-a num beijo, correr sobre esse setim purissimo meus labios avidos...

NORMA: — (Pensando) — Antes esse cacete não viesse. Não é bem isso... Eu, na verdade gosto de publicidade, de escandalo em torno do meu nome de artista, de elogios... Sim, para que negar? Eu passo por modesta aos olhos do mundo, mas intimamente eu me regosijo intensamente com a publicidade que fazem de mim... Isto, aliás, faz parte absoluta da industria. Além disso eu devia ter as mãos melhor tratadas, hoje. Logo hoje, com este camarada aqui! Assim levaria elle melhor impressão minha e me acharia ainda mais fascinadora... Mas esse camarada é feio, hein? Porque será que todo *reporter* é feio e desagradavel? O que estará fazendo Hannah, lá no meu camarim, a sós? (Falando) — Absolutamente! Isso me alegra muito! Para o senhor e sua revista todo tempo do mundo e meu é pouco...

REPORTER: — (Falando) — A peça que está vivendo é interessante, não é? (Pensando) — Nunca vi o raio dessa peça... Sei que é a respeito de gente que pensa uma cousa e diz outra, apenas. Mas a maneira de fazer a vida, assim, é supinamente idiota... E para que estarei eu aqui fazendo perguntas e mais perguntas?

A estranha

Não era muito melhor se a pudesse ter nos meus braços, se a pudesse sorver com meus beijos, se pudesse dizer a ella, rosto a rosto, labios nos labios, olhos nos olhos, tudo quanto imagino della e do seu sorriso admiravel e da sua...

NORMA: — (Pensando) — Já estão preparando tudo para o proximo apanhado de machina. Justamente a scena em que faço minha longa dissertação a Ned a respeito da criança. Devia estar estudando meus dialogos... E meu cabello, como estará elle? Não estará todo desmanchado? E este camarada a me olhar, a pôr sobre mim os olhos delle, apparentemente ingenuos e supinamente idiotas... Mas que maçada! (Falando) — Sim, é certo. Eu me enthusiasmei violentamente pela mesma, em New York, quando a assisti. Sua criadora foi Lynn Fontanne. Não acha que foi uma cousa esplendida as-

sistir uma peça destas e interpretada por uma tal artista? Ao passo que vou interpretando o papel, penso frequentemente na interpretação de Lynn e serve-me ella muito bem de modelo e que modelo! A historia, além disso, é material Cinematographico de primeirissima. Ha muita philosophia atraz de suas scenas e da parte propriamente de dialogos, em que tambem é perfeita. O'Neill concebeu perfeitamente bem o quão hypocritas são as criaturas humanas... Quão oppostos a nossos verdadeiros sentimentos nós somos. E isso traz, para a gente, situações de um infinito ridiculo e um infinito tragico, tambem.

REPORTER: — (Falando) — Não acha que é cousa um pouco pretenciosa em Cinema? (Pensandc) — Que diabo de phrase é esta? Para que é que eu me estou mettendo nestas altas cavallarias? Não poderia ter perfeitamente ficado calado? Ora que coisa "páu" Por que não li o raio da peça antes de falar a respeito della a Norma Shearer? Shearer... Que criatura! Diante della a gente fica positivamente maluco. Que corpo! Que olhos! Que mãos!... E' verdade... As unhas poderiam estar um pouco mais tratadas... Se eu fosse ladrão e pudesse roubar, neste momento... roubaria os labios della, sempre humidos, sempre excitantes e leval-os-ia commigo...

NORMA: — (Falando) — Acho que não é razoavel achar a peça um pouco pretenciosa. E' a historia de amor de uma mulher e tres homens — o sonhador, o amigo, e o amante. Em cada um desses homens ha alguma cousa que essa criatura ama. Ha uma linha do dialogo, dita por ella,

que typifica perfeitamente a idéa. Ella está em casa, curiosa, observando os tres homens a conversarem juntos. "Meus tres homens". Pondera ella. "Se se combinassem as qualidades todas delles, que marido perfeito se conseguiria!" Isso é terrivelmente humano! (Pensando) — Seria esse mesmo o dialogo? Se não é, está certo e para quem é... bacalhau basta! E o homem da sapataria? O raio do homem já aqui devia estar! Eu preciso daquellas sandalias para minha proxima scena! E este cacete nem siquer me dá a *chance* de eu ir averiguar se elle já chegou...

REPORTER: — (Falando) — Pensamentos falados... E como é que o Cinema conseguirá apresentar isso? Difficil, não é? (Pensando) — Finalmente consegui perguntar alguma cousa razoavel... Irra! Esse negocio de perguntas é cacete... E quando ellas respondem as maiores cretinices do mundo? Esta, afinal de contas, não é tão burrinha assim... Ao menos, parece, sabe assignar o nome! Boa ella é e um pedaço!

NORMA: — (Pensando) — Devo contar a este idiota como a coisa foi feita? Ou devo fazer disso segredo e deixar que os outros contem, se quizerem? Mas com certeza elle sabe, perfeitamente, que não pensamos em voz alta... E tudo isso, por que? Por causa de um cheireta aborrecido que tudo quer saber... Mas vae falar em mim, descrever-me, tocar em meu nome. E' publicidade! Vale a pena dar mais algum feno a este individuo... (Falando) — Sim, é difficil. Mas é interessante e absolutamente differente de tudo

Entrevista...

quanto já se fez até aqui neste genero. Ha um dialogo falado por um dos caracteres na scena inicial. Reflecte, o mesmo, que as palavras nada mais são do que mascaras para os nossos verdadeiros pensamentos. Seguimos exactamente essa idéa pelo Film todo. Fazemos as scenas em duas maneiras separadas. Fazemos antes a parte apenas sonóra, expondo nossos pensamentos intimos, aquelles que não dizemos. Depois fazemos as scenas, dizendo os dialogos, naturalmente como sempre e fazendo as pausas silenciosas e apenas de expressão, onde entram os pensamentos falados dos nossos intimos. E' a idéa que queremos dar de termos os labios cerrados, mas as almas falando. No theatro, é logico, isso seria impossivel, porque nem que fossemos todos ventriloquos não conseguiriamos isso. Tinhamos que dizer as palavras, com movimentos de labios, tirando o lado natural que o Cinema tem e deu á peça de O'Neill. O Cinema conseguiu essa nova technica. Complicações de sons, mas uma cousa muito bem feita e inedita.

REPORTER: — (Pensando) — Que perfume usa esta mulher, santo Deus! Que perfume inebriante! Que criatura terrivelmente feminina! Norminha, meu bem, vá ser optima no diabo que a carregue, sim? Faz-me esse favorzinho? Que ccusa! E a gente ter que ficar firme ao lado desta mulher que mal vestida está e, além disso, é... Norma Shearer! Se eu estivesse aqui conversando com ella como desejo, tel-a-ia em meus braços e trocariamos as mesmas idéas entre um beijo e outro beijo, entre uma caricia e um afago. Querida... se eu apenas tivesse o direito de a chamar assim, Normazinha da minha vida! Apesar de tudo ella tem muito della mesma atraz da sua expressão pessoal diversa. (Falando) — Ha uma mudança de annos, não é? Uma differença de vinte annos, creio...

Norma em "Strange Interlude"

NORMA: — (Falando) — Sim. Nós quatro envelhecemos juntos. (Pensando) — Por falar em annos que passam... E minha cabelleira? Acho que ella deve ficar prompta para amanhã cedo. Mas ficará? Meus cabellos são a cousa que sempre mais importancia mereceram de mim, na vida... (Falando) — Acho que é o primeiro Film em que as pessoas do mesmo envelhecem conservando no emtanto

(Continúa no fim do numero).

collados no inicio e no fim de um rolo de Film. O "trailer" tambem significa qual quer trecho de um Film que está sendo Filmado. Diz-se por exemplo: os "trailers" são collados para se editar um photodrama.

Truc — Um Film que apresenta acções ou occurrencias inacreditaveis.

Tripla Exposição — Um Film que é feito, expondo-se a mesma pellicula tres vezes, na mesma camara.

Tripé — O supporte da camara Cinematographica.

U

Ultra-velocidade — O mesm que Super-Velocidade. Consulte-se este vocabulo.

V

Vidro de Projecção — Uma photographia obtida sobre vidro, para ser projectada sobre uma tela.

Vélas de Fumaça — Fogos de artificio, semelhantes aos fogos de bengala, e que produz densas nuvens de fumo. Empregadas nas scenas de incendio.

Velocidade — Em photographia, a velocidade tem diversas e variadas significações. A velocidade da lente refere-se á quantidade de luz que póde ser aproveitavel para a formação da imagem. A velocidade de uma emulsão refere-se á sua sensibilidade em relação á luz. A velocidade de uma camara refere-se ao numero de quadros que são expostos por segundo. A velocidade de um obturador refere-se á rapidez com que elle se abre e torna a fechar-se. E assim por diante.

Victor — Fabricante de camaras, projectores e accessorios para amadores.

Vinheta — Uma imagem Cinematographica cujas bordas se vão esvaiecendo, aos poucos.

Visão — Um effeito Cinematographico que apresenta o pensamento ou o sonho de um actor. E' feito com dupla exposição.

Z

Zeiss — Fabricante de camaras, lentas, e objectos de optica, para Amadores e para profissionaes.

Cinema de Amadores

(FIM)

Titulos Falados — Uma phrase, apresentada como sub-titulo, e que se suppõe ter sido dita pelo actor. Os titulos falados nunca devem ser apresentados como titulos decorativos.

Tambor — O tambor de tracção, cujos dentes, encaixando-se no Film perfurado, o fazem correr atravez da camara ou do projector.

Tanques — As cubas verticaes em que os Films são revelados.

Test — Pequeno trecho de Film, revelado para se saber si a exposição ou si o fóco estão correctos. Significa tambem um pequeno trecho de Film, revelado para se saber como "apparece" um actor sobre a tela.

Os feios ás vezes sahem bonitos, e os bonitos sahem horrorosos.

Trailer — Termo inglez que significa os pequenos Films de protecção,

Colleen voltou ...

(FIM)

Um dia, no emtanto, offereceram-lhe a chance para figurar em "The Church Mouse." Ella acceitou O successo que fez, foi estupendo para seu animo e para seus novos projectos. Logo depois do successo da peça recebeu proposta para Films, novamente e, dellas, acceitou a que lhe fez a Metro, por ter sido a mais vantajosa dellas todas.

Na M. G. M., vae encontrar ella a rivalidade local de Joan Craword, Greta Garbo, Norma Shearer... Que tal? Mas Colleen é typo totalmente differente e sem duvida alguma tem logar de igual exito para si e sua arte. Quem se lembra bem de "Amor, Destino e Honra" não póde duvidar disso...

A TELA EM REVISTA

Arsene Lupin

"O Tigre do mar negro."

ESPERANÇA — (After Tomorrow) — Film da FOX — Producção de. 1932.

Lembram-se de **SETIMO CÉO?**... Sei, perfeitamente, que quando se fala em Frank Borzage logo cita-se **SETIMO CÉO**. Que é que logo lembra uma imagem de Christo?... Oração, piedade, desejo de ajoelhar e supplicar mercê. Frank Borzage evoca **SETIMO CÉO**, porque este Film foi o poema mais meigo e delicioso que já teve o Cinema e a cousa mais formidavel que já fez este magnifico director. Perguntei se se lembram do Film, porque nelle havia tanta doçura, tanta meiguice, tanto amor, que até fazia mal á gente! E perguntei, tambem, para lembrar, deste **ESPERANÇA** que acabo de ver, alguns trechos que recordam aquelle Film, pela maneira em que foram dirigidos.

As revistas mensaes americanas de Cinema, deviam ter posto **ESPERANÇA** entre os bons Films do mez em que foi exhibido. Deviam, porque é um Film bem bom. Borzage, nelle, cheio de opportunidades ao seu feitio, desenvolveu a historia da peça de John Golden e Hugh Stange, utilizando o esplendido scenario de Sonya Levien, com muito sentimento, com todo seu coração de latino amoroso. Além disso a photographia caracteristicamente, o seu Charles Farrell imprescindivel nesses momentos e... Janet Gaynor, não. Mas uma Marian Nixon nova, differente, simplesmente deslumbrante e estupenda, mórmente para mim, que nunca esperei isso della e que assim a vejo quasi perfeita num papel que pedia Janet Gaynor de joelhos e que ella faz com tanta sinceridade que a gente chega a se esquecer de que Janet existe...

Aliás a Fox tem dado opportunidades a Marion para fazer concurrencia a Janet que anda nervosa e regeitando papeis. **ESPERANÇA** é Film romantico. Debaixo do seu caracteristico amoroso, ha os contracantos da vida que ao lado da melodia que permanece sempre a mesma, o mesmo thema, fazem contrastes maravilhosos e profundamente verdadeiros. O Film desde seu inicio é curioso e cheio de cousas pequeninas interessante agradaveis e de melhor Cinema possivel. Greta Granstedt tentando Charles Farrell, aquelle **lunch** no centézimo segundo andar, sempre uma pilheria no meio de uma situação. Depois o regresso. O lar della. A esposa descripta pela capa de uma revista. O marido amoroso mas de idade differente, incapacitado de comprehender aquella mulher ainda moça e ardente... O homem que aluga uma sala e é amante daquella mulher ainda moça e ainda ardente. A irmã da moça que não mais quer permittir encontros em casa. A felicidade infantil de Charles Farrell e Marian Nixon em contraste com o amor bruto e humano da mãe della e do homem que aluga o quarto do lar que vae desgraçar... Afinal um emprego melhor, a perspectiva do casamento. O dia feliz. E quando entra pela felicidade, então, Borzage torna-se quasi impossivel de tanto sentimento, tanta belleza nas suas scenas. Com Charles e Marian elle pinta o diabo em idyllios sentimentaes e bonitos. Aquella luta pela carteira que ella lhe rouba, principalmente naquelle divan, é simplesmente maravilhosa. Não tem um quadro que não seja caprichosamente angulado e uma scena que não seja meticulosamente conferida pela sua direcção magnifica. E depois a fuga da mãe de Marian, a desgraça, o casamento novamente impedido. E um final que não destôa, infeliz aqui, feliz ali.

E trechos sempre humanos permeiando tudo. A sequencia entre Marian e Charles, quasi no final, quando ella o vê espiando as pernas de Greta Granstedt e o convida para darem um passeio ao campo, sózinhos, sem ninguem saber... Como aquillo é humano, amoroso, terno e adoravel... A resposta de Charles, então, é dessas cousas que animam a gente a ainda crer na vida. E varias outras cousas assim a tornar a fita uma pequenina joia de brilho grande e muito valôr.

Borzage merece todos os parabens pela direcção de **ESPERANÇA.** Perfeita e já bem o Borzage dos Films silenciosos... Charles Farrell, cada dia melhora, está simplesmente magnifico. Elle, Marian e Borzage são todo o Film. Marian, então, deslumbra, francamente. Pequenina, "funny face", mesmo, é amorosa como poucas e humana a mais não poder. Marian deve continuar no genero, pois é soberba! As scenas de amor della e Charles, neste Film, são maravilhas. Quem gostar de Films cheios de carinho, amor, meiguice, ficará com as medidas cheias assistindo este. E' para moços e moças. Principalmente para noivos... Não o percam! Vale qualquer sacrificio para ser visto. Minna Gombell, William Collier Sr., Josephine Hall, no elenco.

COTAÇÃO: — **MUITO BOM.**

ARSENE LUPIN — (Arsene Lupin) — Film da M. G. M. — Producção de 1932.

Ha muitos annos, para a Robertson Cole, Wegdwood Nowell "estrellou" algumas aventuras de Arsene Lupin. Eram curiosas, ainda bem me lembro e foi um dos primeiros Films em que vi Laura La Plante, ainda cheia de cachos mas já loira e linda... O "fan", quando anthentico, tem isso: — divaga sempre, recorda a todo instante, nunca se esquece dos bons momentos de Cinema que já tem vivido... Era um Filmzinho sem importancia e não tem o vulto deste que acabo de ver, é certo, mas já mostrava ao mundo o esperto que foi Lupin, o homem que Maurice Le Blanc creou para electrizar o mundo com suas façanhas...

E' um espectaculo bem interessante. O Film não é formidavel e nem tem a pretenção de ser "super." E' apenas divertimento e divertimento cuidado, como sempre sóe ser um Film da Metro. O proprio Barrymore é exemplo disso. Na Warner, fazia caretas, estertorava, viveu uma serie de dramalhões poucos dos quaes bons. Eram Films assistiveis, mas nunca trabalhos indispensaveis á galeria do "fan" que se presa de ter visto cousas de Cinema realmente bôas. Simplesmente Films! Na Metro, Barrymore começou esplendidamente com este, em seguida fez **GRAND HOTEL** ao lado de Greta Garbo e agora junta-se aos irmãos Lionel e Ethel para fazerem a vida de Rasputin, o monge negro (e lembram-se do Film de Montagu Love, para a World?...)

ARSENE LUPIN diverte, é bem feito, tem um elemento amoroso interessante, uma magnifica photographia e uma direcção intelligente e agil de Jack Conway. Barrymore está lepido, mais moço, parece, differente e agradavel. Principalmente não representa: — vive! Lionel Barrymore tem igualmente uma esplendida "performance" e sahe-se muito bem. O seu Guerchard é notavel. E elles os Barrymore que tanto amedrontaram os bons "fans", podem perfeitamente ser vistos, tanto mais que o Film é muito uniforme. A historia não vae ao coração, mas chega para qualquer cerebro e tem pontos de valôr, augmentados estes pelo encanto, desempenho e belleza sensual de Karen Morley, alguem muito loiro que vae subir as escadas da fama com bastante rapidez... Que pequena adoravel! Aquelle sorriso seu e aquelles olhos... O elenco é todo coheso e bom. Salientam-se pouca cousa além dos Barrymore e de Karen Morley, Tully Marshall, John Milian e John Davidson.

O scenario é do nosso velho conhecido, e veterano scenarista, ao qual o Cinema deve bons espectaculos, Carey Wilson, que, livre das apoquentações que deu o lar desfeito, parece que volta aos Films para gaudio nosso. Lenore J. Coffee e Bayard Veiller escreveram os dialogos que são esplendidos para quem os entender. Oliver T. Marsh, completo. Sua photographia é sempre uma maravilha de arte e bom gosto. Aquella sequencia no escuro, por exemplo, com Karen e John... Francis De Croisset colaborou na peça de Le Blanc, da qual foi extrahida o Film. Este adendo final é para aquelles que citar "no claro" cousas em tudo, menos em nossa lingua...

COTAÇÃO: — **BOM.**

O complemento foi um Film sobre touradas realmente bem feito. O novo systema de fuzão e transporte de sequencias que estão usando é que positivamente não é bom Cinema e nem agrada. Que idéa! Aquillo é cousa para Film magico! O "speaker" é esplendido e já tem sido ouvido em outros Films naturaes igualmente bons. Fala hespanhol, mas diverte mais por isso...

O TIGRE DO MAR NEGRO — (The World and the Flesh) — Film da PARAMOUNT — Producção de 1932.

Ha varios constas a respeito deste Film. O primeiro delles, é que Bancroft damnou-se com o mesmo e não apreciou em nada o mesmo depois de concluido, tanto assim que John Cromwell não mais dirigirá seus trabalhos. Outro, que Miriam Hopkins e Bancroft discutiram, implicaram e brigaram o tempo todo. E finalmente a critica que, de maneira quasi geral, foi impiedosa com o Film.

Accreditamos que Bancroft não se satisfizesse com o Film, porque quem já figurou em trabalhos como **PAIXÃO E SANGUE, CARTAS NA MESA, O SUPER-HOMEM** e **DÓCAS DE NEW YORK**, jamais poderá se satisfazer com qualquer cousa... Tambem não duvidamos que elle tenha dispensado os favores directoriaes de John Cromwell, tanto mais que pelo novo contracto que tem é elle quem escolhe seus directores. Aliás, diga-se o que elle fez depois deste, dirigido por Stephen Roberts, já alcançou exito bem mais notavel! E positivamente não descremos de que Mirian Hopkins e elle tenham brigado. Bancroft sem duvida alguma conhece o officio e sabe, perfeitamente, que Mirian é capaz de roubar qualquer Film e ella, por sua vez, quasi estrella, sem duvida não gostou muito de ter que se sujeitar a um papel de simples heroina de Bancroft... De toda fórma, estiveram respectivamente em seus papeis e não desagradaram. Quanto á critica americana desclassificar como desclassificou o Film, é um pouco de injustiça, porque, afinal de contas, não é elle absolutamente prejudicial a Bancroft e tem, mesmo, dois pontos de bastante valor: — o scenario de Oliver H. P. Garrett, cheio de cousas de bom Cinema e a photographia de Karl Struss, excellente e maravilhosa, mesmo, em alguns trechos.

De resto, é um trabalho vulgar. A Russia de Hollywood é sempre uma Russia cheia de typos curiosos,

(Termina no fim do numero)

A vida de Richard Cortez

(Continuação)

Elle teve intensa emoção quando se preparou para assistir a "premiére de Bobin Hood", no Egyptian de Grauman. Sua segunda grande emoção, foi quando convidou Claire Windsor, bem timidamente e ella acceitou o convite para ir em sua companhia. E finalmente a ultima. Quando elle deixava o Christie, um joven artista, embriagado no "lobby" vendo-o para para conversar com Syd-Grauman que ali entrava, naquelle momento, approximou-se e offendeu a ambos, chamando-os de "hespanhóes ordinarios", etc. Ric pensou em reagir, mas lembrou-se, antes de mais nada, do que tinha a fazer, principalmente seu compromisso com Claire e, em seguida, a estabilidade do seu unico "smocking". Mas o homemzinho não pensou em mais nada. Soltou a mão e Ric, sem tempo para desviar, foi apanhado pelo socco que o prostrou. Pensou immediatamente na reacção. Mas conteve-se. Pensou. Subiu ao seu apartamento, pedindo antes ao contendor que esperasse. Tirou sua roupa e voltou já em trajos proprios para a luta. Não esperou. Atirou-se ao homemzinho e lutaram com coragem, ambos, bem diante de Grauman que torcia. Ao cabo de algum tempo, poz o adversario totalmente desaccordado. Voltou calmamente para seu quarto, tornou a vestir-se e chegou em cima da hora para levar Claire á noitada do Egyptian. Até hoje ainda lembram, em Hollywood, a scena do Christie entre Ric e aquelle artistazinho que jamais sahiu do anonymato e outro infeliz que nunca venceu, tambem...

(Termina no proximo numero)

Com Brown... do cinema

(FIM)

mentos em que estive naquella casa. Agora, querem saber a ambição de Tom...? Comprar um "Austin", este automovel que parece de brinquedo!

Tom é modesto nos seus desejos e muito simples. Nelle não se nota a mais simples affectação. Mostrou-me a casa toda — o quarto dos paes, o seu, o que elle vae arranjar para hospedes e amigos.

E dizia-me elle. "Este quarto aqui será para amigos nossos que nos venham visitar de fóra. Vou arranjal-o em estylo dos indios Navajos, bem simples. Não quero mesmo gastar muito. Estou contente com esta casa que é pequena, mas que serve bem para todos nós. Não sou rico e não quero fazer extravagancias, pois sei de muitos outros que não souberam aproveitar os bons contractos. Heide guardar para dentro de alguns annos, viajar. Quero Conhecer o Mundo—A Europa, o Oriente e a America do Sul... Quem sabe, se não o encontrarei por lá. Promette que me mostrará a sua cidade?... pergunta-me elle. E as horas correram, sem que eu me apercebesse, tanto era o prazer que estava sentindo entre aquellas tres pessoas, tão sympathicas, tão gentis e tão boas. Mas, Tom recebe um chamado de Universal City. Prepara-se e, emquanto eu fumava um cigarro, após o almoço, Mr. Brown foi tirar o carro da garage.

"Papae não me deixa guiar a nossa limousine... Vive a pensar em que eu gosto de postes e de outros carros..." diz-me elle, piscando o olho.

O **Velho**, ouvindo-o retruca — "Sim, este aqui é meu. Quando quizeres amarrotar um carro espera até que venhas a ter o teu **Austin**...

Rodamos. A linda casa dos Brown ficara para traz e, lá á porta, Mamãe Brown acenava com a mão...

Durante o trajecto, fiquei a pensar na amizade que une aquellas tres creaturas — pae, mãe e filho. Tres bons amigos, felizes muito felizes, no amor que os liga um aos outros...

Entrevistando Cupido...

(FIM)

é tão artista assim e não tem habilidade sufficiente para amar como os antigos amavam, deixa que a cousa corra e passa elle tambem a correr... mas atraz de olhos negros.

O caso de Sally Eilers e Hoot Gibson, então, nem póde imaginar o que de diplomacia preconizou para que o resolvesse sem divorcio e nem separações definitivas. Ambas as partes mostravam-se irreductiveis. Palavra, foi precisa muita arte para conseguir o que eu consegui... O caso é que elles foram esquecendo as rixas, as discussões, os attrictos... Quando Ethel Clayton disse que não mais toleraria Ian Keith e delle se divorciou, soffri, porque pensei que aquelle amor, pela idade e experiencia de ambos durasse mais. Mas o caso depois galgou as columnas de jornaes e, dellas, despenhou-se, com luxo de detalhes, todas as infamias possiveis e imaginaveis... Qual! Meus bons tempos que não voltam mais...

Felizmente tenho uma boa noticia. Acho que Douglas Fairbanks e Mary Pickford resolveram de vez viverem felizes e não se separarem mais. Elles iam dividi aquelle lar magnifico, raro, mesmo, em Hollywood. Mas eu fui feliz, consegui provar, lhes que errariam assim procedendo. Felizmente são bem claros os horizontes daquelles lados. Uma unica cousa eu não gosto na especie quasi perfeita de amor que une Douglas Junior a Joan Crawford. São as ferias conjugaes muito grandes que elles costumam dar um ao outro. O exaggero ainda os ha de aborrecer, se não derem ouvidos a meus conselhos. Ainda agora, ha pouco tempo, foi ella, para o seu lado e elle com Laurence Olivier e Robert Montgomery, que tambem deixaram suas esposas Jiil Esmond e Elizabeth Allen, Isso não é direito e acho methodo moderno muito perigoso, esse...

—De Robert Montgomery, já que falei nelle, acho que não é provavel que de seu lado venha qualquer surpresa ao meu conhecimento. São realmente felizes e amam-se com muito ardor. De Clark Gable, recentemente, muito tambem se tem dito. Dizem que Rita Langham, depois que elle ficou celebre, tem soffrido muito com a sua conducta.

A TELA EM REVISTA

(FIM)

elegantes, barbeados distinctos. Alan Mewbray, por exemplo, que faz um nobre russo distinctissimo! Não convence como devia convencer e nem é a Russia que todos esperam ver. Mas está Cinematographicamente muito bem e em nada desabona o Soviet, afinal de contas, a não ser, em certas indirectas como aquella do carcereiro que não sabe ler, que é interessante e ironica. Não é Film anti-bolchevista e nem declaradamente amparador de idéas communistas. Relata uma historia escripta por Philip Zeska e Ernst Spitz E' a ventura de um marujo communista que toma uma Cidade, é preso, torna a dominar a situação, torna a ser preso e afinal vence amparado pelos seus marujos. Aquelle commissariado do final do Film, aliás, é outra piada com os communistas. Bancroft tem aquella mesma cara impressionante e viril de sempre. Elle é estupendo, apesar dos pesares. O Film está é pouco interessante pela direcção que é vulgar. John Cromwell é director apenas para Films de linha... Mirkam Hopkins, lindissima e cada vez mais interessante e arrebatadora. Ella agrada em cheio. E notem cómo o scenario já applica o maior numero possivel de scenas silenciosas... George Stone, Mitchell Lewis, Oscar Apfe Harry Cording e Francis Mac Donald, figuram. Este ultimo numa caracterização boa. Por Bancroft e Miriam deve-se ver Ha algumas cousas que ficam por conta do scenaristas, mas agrada. Alguns detalhes de valor, nada de formidavel, mas bom Film. A direcção é que estragou optimos caracteres do Film que foi feito talvez para aproveitar as montagens de "Deshonrada" ... Cotação: — BOM.

Mas isso não passa de intriga e principalmente contra elle, porque no lar é bastante feliz e a felicidade é uma cousa, em Hollywood, que todo mundo inveja descaradamente...

Tambem falaram da pobrezinha da Bobe Arnst e disseram que o marido Johnny-Weissmuller ia abandonal-a. Mas é mentira. Elle gosta mais da esposa do que de tudo, neste mundo e é um bom menino, obediente e quasi a minha moda, isto é, á antiga.

Quer ver como essa gente é e que mania de escandalos elles têm na massa do sangue? Pois escute esta: — Frank Borzage foi á Inglaterra dirigir, "in loco, Cavalcade", peça de Noel Coward que a Fox fez empenho em produzir com ambientes inglezes, elenco inglez e tudo devidamente ambientado. Pois quando elle chegou, um reporter interpellou-o e lhe fez perguntas. Frank respondeu a todas, rapidamente, mas nas respostas não havia o sal e nem a malicia que o homemzinho esperava... Sabe o que aconselhou a Frank? "Quer publicidade, amigo, divorcie-se! E' o meio mais facil e mais seguro de se ser popular...". Que tal o combate que tenho a sustentar? Vê com que armas elles me atacam?

Confesso que quasi enlouqueci de tristeza quando Buster Keaton e Nathalie Talmadge separaram-se. Confesso que ainda tenho esperanças de os ver novamente unidos. Eram tão felizes e tinham um lar tão perfeito... Será possivel que destruam tudo isso a custa de méro capricho?

Consegui ferir John Gilbert no coração, mais uma vez... John aliás, é das minhas victimas predilectas e facilimo de se conduzir... Se bem que não o conseguisse casar com Greta Garbo, consegui, entre elles, um dos romances mais lindos que já purifique no mundo. Depois, o mesmo com Lupe Velez, mas em caracter por demais passageiro para ser levado a sério. Leatrice Joy, a primeira esposa delle, Ina Claire... E, agora, Virginia Bruce. Ella é linda e ainda que me custe o ultimo sacrificio, quero ver se o faço infinitamente feliz. Quero vel-o novamente no apogeu da fama e desanimado como anda, apenas um amor intenso será capaz de o collocar de novo no pedestal que merece encimar.

Uma das mais recentes tragedias que me poz atordoado, foi a de Paul Bern e Jean Harlow. Casaram-se, era cousa antiga e pareciam infinitamente felizes.

Ella é maluquinha, bem sei, mas amorosa e sincera. Elle, exemplarmente bom. E matou-se ainda na lua de mel...

Veja o quão cruel é ser Cupido em Hollywood... Apenas lutas, lutas intensas, graves, cheias de riscos... E acha que não tenho razão de andar mudado, quasi irreconhecivel, infinitamente desanimado?...

Foi o resto que elle me disse. Mary Brian passou ao lado delle e pouco depois Russell Gleason. Cupido despediu-se apressado, interesseiro como sempre foi e apesar de tudo ainda é e poz-se em posição para o ataque...

A estranha entrevista...

(Continuação)

a mocidade... ou antes, conservando a atracção. Envelhecemos, mas não ficamos descrepitos — vestimo-nos bem e vivemos em ambientes do maior luxo. Não ha nada de lastimavel nas nossas idades avançadas. Não ha, tambem, nenhuma transformação abrupta. Vem tudo como fructo de nove transformações gradativas e estupendamente logicas. Mudo de penteado e de cabellos por nove vezes differentes.

(Termina no proximo numero)

Aquella artista feia ...

(FIM)

sufficiente para vestir-se bem e ainda tinha o sufficiente para remetter aos seus. Numa festa, um dia, encontrou-se ella com Tom Gallery. Foi caso de amor á primeira vista. Ella jamais fôra vista em companhia de rapaz algum e, assim, todos acharam logo exquisito quando ella começou a andar em companhia de Tom. Um anno depois estavam casados e passaram a levar uma vida extremamente feliz num "bungalow" um pouco arredado do centro de Los Angeles.

Depois de ser mãe é que ZaSu tornou-se realmente linda. Depois que a pequenina Ann começou a andar, ZaSu volveu ao seu trabalho. Quando ella ainda estava sob contracto com King Vidor, para aquella serie de Films que elle fez para a Robertson Cole distribuir, que Von Stroheim a viu pela primeira vez, logo contractando-a para o primeiro papel feminino em "Ouro e Maldicção".

Neste Film, então, mostrou ella de que qualidade é seu temperamento artistco, porque o Film era tragico e ella revelou-se, na tragedia, ainda artista melhor do que já era na comedia.

Depois que ella findou esse Film, houve alguma cousa em seu lar, primeiro golpe sobre a sua felicidade. Como ZaSu essas cousas não fala e nem discute, no emtanto, ninguem chegou a saber o que lhe acontecera. Mas o caso é que alguma cousa houvera entra ella e Tom.

— Era lindo demais para durar...

Foi tudo quanto ella me disse, quando lhe perguntei pela felicidade conjugal que se fôra.

A cousa mais linda deste mundo, para mim, é que Tom Gallery quiz ser meu marido quando eu era ninguem, apenas a ZaSu desconhecida e não a ZaSu Pitts hoje tão divulgada pelos Films. Eu não era nada e foi então que elle me quiz. Eu amei e amo sinceramente a Tom. Jamais amarei quem quer que seja, na fórma em que o amei.

Foi apenas isso que ella me contou a respeito do seu caso e do seu divorcio, sabidamente o maior golpe que ella já levou em toda sua vida.

Muitos directores dizem e affirmam que ZaSu Pitts não tem attracção sexual alguma. Von Stroheim, no emtanto, affirma que é exactamente o que ella tem e em larga escala e em "Lua de Mel" elle provou de sobra que isso é verdade. Ella é uma grande artista e Von Stroheim sabe apreciál-a como tal.

Physicamente ZaSu Pitts não é muito forte. Ann nasceu á custa de uma operação cezariana da qual até hoje ZaSu ainda soffre angustiosas consequencias. Uma das cousas que a aborrecem, na sua carreira, é estar constantemente fazendo Films comicos. Quando ella soube que o papel que desempenhara com toda a alma, em "Sem Novidade no Front," soffreu muito e achou extremamente cruel fazerem aquillo com ella. Diz ella que sua voz é que arruinou sua carreira no Cinema falado. Acha que sua voz sôa comicamente e ninguem, assim, póde leval-a a sério. O caso, no emtanto, é que seu amigo Von Stroheim, o homem que jamais a deixa de lado quando faz um Film onde ella esteja bem, voltou a lhe dar a chance e exactamente no primeiro Film falado que elle está dirigindo para a Fox, "Walking Down Broadway". Será sua primeira opportunidade realmente dramatica, no Cinema "falado' e a primeira direcção "falada" de Von Stroheim. Em "Back Streets", da Universal, se bem que não tendo papel de seu agrado, obteve ella successo, recentemente.

ZaSu, como todos sabem, além de sua filhinha, cria o filho de Barbara La Marr. E' ainda ella que mantem cinco sobrinhos filhos de uma sua irmã fallecida ha dois annos. Seu contracto com Hal Roach, para as comedias com Thelma Todd é muito bom e além disso ella tem a liberdade absoluta de fazer outros Films, com toda a independencia.

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 70$000; 6 mezes, 35$000. — (Registradas) 1 anno 85$000 6 mezes 43$000.

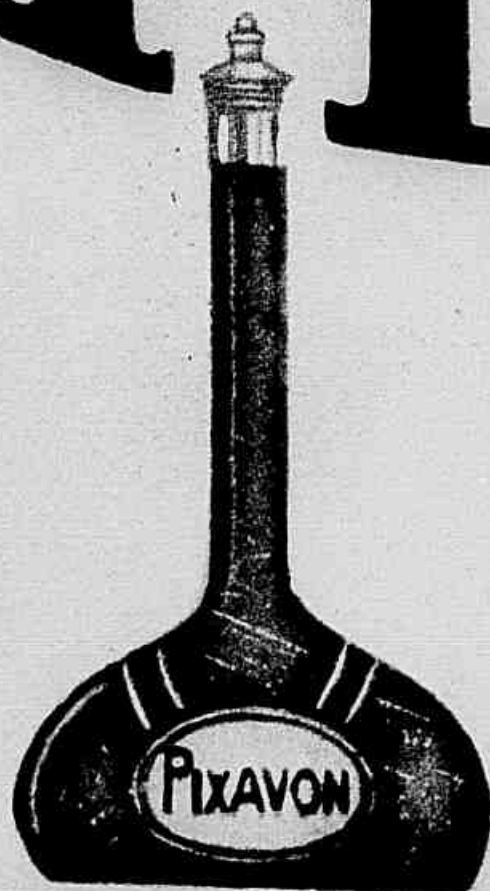
As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.° 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood.
GILBERTO SOUTO.

LEW AYRES E MAUREEN O'SULLIVAN

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas moças buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON